

ASAS BRASIL



DOM ANTÔNIO MALAN

"O SENHOR me enviou a
EVANGELIZAR AOS POBRES"

"... vos escolhi
para que vades e
produzais frutos ..."
— Jo. 15,16

ARCEBISPO DE CUIABÁ
Mato Grosso — Brasil

Rio de Janeiro, 22 de julho de 1954

Meu caro Pe. Venturuzzo — Laudetur Christus

Aqui estive há pouco D. Campelo, e me deu notícias suas que muito me agradaram, especialmente nas suas relações com o Sr. Bispo Auxiliar, continue assim.

Achou, ele, que você deve tomar mais cuidado com a sua saúde: é o que eu também recomendo.

O Círculo de Salesianidade(1) já está aprovado, só me resta abençoá-lo como faço de todo coração.

.....
Dom Francisco Aquino
Arcebispo de Cuiabá

(1) ASAS BRASIL

ASAS BRASIL

DOM ANTÔNIO MALAN

oOo

**"O SENHOR me enviou a
EVANGELIZAR AOS POBRES"**

Edição 1985

**"A Confissão é a chave da educação" —
D. Bosco**

ÍNDICE

<i>Apresentação</i>	5
<i>Introdução</i>	7
<i>I PARTE: Escolas — França ... FÉ</i>	9
<i>II PARTE: Missões — Mato Grosso ... ESPERANÇA</i>	19
<i>III PARTE: Secas — Pernambuco ... CARIDADE</i>	49
<i>Apêndice — Oração</i>	63

oOo

"Sendo Cristo a luz dos povos, este sacrossanto Sínodo (Concílio Vaticano II), congregado no Espírito Santo, deseja ardentemente anunciar o Evangelho a toda a criatura e iluminar a todos os homens com a claridade de Cristo que resplandece na face da Igreja ..."

— Vat. II, LG, 1

oOo

Informações vivas a respeito de nossa família (SALESIANA) ... para edificação do bem e da caridade".

— D. Ricceri, Roma 1973

"... D. Malan num meio ouriçado de incríveis e inauditas dificuldades assombrara a tenacidade invicta de seus zelos a quantos tem acompanhado o vôo ascendente e infatigável das Missões Salesianas de Mato Grosso . . ."

— sempre a 30.X.1915 — D. Aquino

APRESENTAÇÃO

Umas recentes publicações duma vida de Santo Agostinho e de um perfil biográfico de Santo Inácio de Loyola sugeriram esta modesta tentativa de compilar algo sobre Dom Antônio Malan, a comum estímulo, na certeza que outros farão melhor.

oOo

Pareceu lógico que a I PARTE relate desde o encontro do jovem Malan com Dom Bosco, até sua chegada em Cuiabá, já PADRE. Evidentemente a II PARTE, sem dúvida a mais interessante, compreende os TRINTA ANOS de Dom Malan em Mato Grosso, às voltas com as MISSÕES SALESIANAS.

O sexenio e mais de Bispo de Petrolina não revelam menos o "Homem de Deus" que, em seu tratando da Glória do Senhor e da salvação das almas, não havia nada para D. Malan, nem cansaço e nem privações."

oOo

Mormente, para quem o tempo é sempre pouco, qual APÊNDICE, de "BANDEIRANTES ATUAIS!?...vão somente uns tópicos do perfil "LUZ MISTERIOSA".

Os compiladores

Alto Araguaia, 8.XII.84

oOo

"Permaneça firme o coração em tudo o que favorece o REINO DE DEUS" D.A.

“D. Malan que neste instante desce lentamente, em sua pesada igarité, as águas do Araguaia ou soube a misteriosa corrente do Rio das Mortes, rumo ao aldeamento dos índios, apóstolo dos Bororo, foi também o Pai Espiritual de mina lama de menino e de moço”.

Assim D. AQUINO, aos 30 de outubro de 1915, no VIº Congresso Internacional dos Cooperadores Salesianos, no Liceu Coração de Jesus, em São Paulo.

INTRODUÇÃO

"Vários escritores salesianos e outros, tentaram escrever a vida de D. Malan, deslumbrados pelo caráter intrépido, sempre em ação, pela FÉ sem falhas... que, sem recursos pessoais, galvanizou milhares de pessoas no Brasil, na Europa e alhures, por suas obras educativas, missionárias e científicas.

(Porém) Desistiram, tão grande acharam as dificuldades"

oOo

I. Os compiladores dessas páginas, morejando no meio onde D. Malan passou TRINTA ANOS, talvez um lustro depois, pelas impressões e notícias neste último meio século de quem o conheceram até, — qualificaram-no um físico robusto, de normal estatura, semblante rubro e benévolo, firmeza em suas decisões e, acima de tudo, austero com uma PIEDADE SÓLIDA.

oOo

II. Prescindindo de uma óbvia desejável ligação a respeito — talvez raras literaturas missionárias ofereçam tantas notícias — achou-se, por bem só extrair das MB de D. Bosco e dos Anais da Sociedade Salesiana o conteúdo da I. PARTE: ESCOLAS, etc.;

"MISSÕES SALESIANAS em MATO GROSSO, publicação de 1908, do futuro Arcebispo de Mariana, D. Helvécio que tanta parte teve na projeção nacional do então Pe. Malan, — proporcionou e muito-embora mui sucintamente — da matéria da II PARTE: "MISSÕES", etc.;

a III PARTE: "SECAS", etc., transcreve quase na íntegra os escritos do Desdor. José B. de Mesquita e de Pe. Pedro Cometti, referentes ao também Bispo de Petrolina.

III. Excusado dizer que "DOM BOSCO EM MATO GROSSO" de Pe. João Baptista Duroure foi um guia valiosíssimo, como não menos uma preciosa fonte, para esta espécie de florilégio biográfico (coletânea de notícias edificantes, obedecendo a uma certa cronologia?) que, parece ao menos, não se esquecera da sábia máxima de João Paulo II: "E ainda que a notícia seja desagradável, coloque-se em evidência o BEM que (outrossim) contém".

oOo

"Há quem emprega o saber (e o escrever), para edificar, e é CARIDADE" — *S. Bernardo*

I PARTE

ESCOLAS: França . . . FÉ

- | | |
|------------------|---------------|
| 1. Antonio Malan | 11. Condessa |
| 2. Combaut | 12. Permissão |
| 3. Alistamento | 13. Navarre |
| 4. Sinal | 14. Prisão |
| 5. Pátio | 15. "S. José" |
| 6. Donativo | 16. Diversões |
| 7. Estampa | 17. Noviciado |
| 8. Lágrimas | 18. Circular |
| 9. Confissão | 19. Uruguay |
| 10. "Livre" | 20. Padre |

oOo

"A FÉ é uma virtude sobrenatural infusa em nossa alma, pela qual cremos firmemente todas as verdades reveladas por Deus e propostas pela Igreja"

— Vozes" — 1959



Lyceu Salesiano — Grupo geral de alunos — 1908.

Com a modesta e mui limitada colaboração de subtítulos, se deseja facilitar a leitura, outrossim, do que se traduz das MB (Vol. 15, págs. 564-569):

1. ANTÔNIO MALAN

que emigrara com os parentes a Tulon (França), desde a idade de sete anos queria ser padre; mas, pelas condições econômicas da família, não tinha coragem de manifestar esse desejo aos pais, também por ser o maior de cinco irmãos.

Quando — escrevia ele — via algum meu companheiro estudar para se tornar padre, teria chorado pela minha impossibilidade de ser como ele fazia o dizia comigo: “É inútil pensar nisso!”

Repelia, portanto, aquele pensamento que, porém, não custava muito a voltar à minha mente.

oOo

2. COMABUD

Esse tormento durou-lhe até aos quatorze anos; aos quinze se ocupou junto de uma nobre família cristã: a família dos Combaud, em seguida grande benfeitora da Congregação. Esses senhores eram tão bons com ele e auxiliavam não menos generosamente os seus, que ele mui satisfeito não pensava mais se não raras vezes no sacerdócio.

Aos vinte anos lhe voltou a idéia de estado eclesiástico; mas tendo por somente dois invernos frequentado como rapazinho as Escolas dos Irmãos, não tinha a instrução necessária para entrar no Seminário.

A única esperança seria bater às portas dos Capuchinhos, mas nada fez, por ser aquele tempo o da expulsão dos religiosos da França.

3. ALISTAMENTO

Aborrecido por tantas contrariedades, recebeu uma carta que o chamava na Itália, para se apresentar ao alistamento militar, em S. Pedro (Cúneo — Itália), onde nascera aos 16 de dezembro de 1862 de Nicola e Margarida Vian.

A senhora Combaud que sempre zelara pela alma dele, aconselhou-o passar por Turim e visitar Dom Bosco.

Explicou-lhe quem era D. Bosco e lhe entregou um livro, publicado um ano antes pelo D' Espiney.

O jovem leu aquele livro num dia e uma noite (o que revela uma notável inteligência e mais); fez também a novena a Maria Auxiliadora, com as orações aconselhadas, por D. Bosco.

oOo

4. SINAL

Não via a hora de seguir.

Quando partiu, muitas pessoas lhe deram incumbência para D. Bosco.

Que ele almejasse se fazer padre, nunca o dissera a ninguém. Chegando a Turim no amanhecer, correu por alguns minutos na Igreja de Maria Auxiliadora.

Era o dia 28 de outubro.

D. Bosco acabava de rezar Missa ao altar de S. Pedro.

Descendo os degraus, o Santo viu uma chamazinha se depreender do altar de Nossa Senhora e parar sobre a cabeça de um jovem desconhecido, de pé, lá por perto.

O Servo de Deus, parando atrás da balaustrada, ficou a observá-lo; depois continuou até a sacrestia e se pôs a confessar os rapazes.

5. PÁTIO

Terminadas as confissões, saiu no pátio, onde D. Bosco no meio dos alunos reconheceu aquele desconhecido, o qual, entrado na portaria, ficou esperando mais de meia hora.

Um belo número de rapazinhos rodeavam o Servo de Deus;

Malan adiantou-se e lhe beijou a mão.

D. Bosco olha-o, e, como se o conhecesse, desde muito tempo, fala: "Oh!"

Em seguida, sem lhe deixar tempo de abrir boca, em francês, lhe disse: "Subamos na diretoria; aqui os rapazes não nos deixam em paz".

— Mas o senhor me conhece? . . . perguntou-lhe Malan . . .

— Sim, subamos — continua D. Bosco . . e sobem.

— Malan entregou-lhe as cartas que trazia para ele.

A senhora não podia ter escrito coisa alguma a respeito da vocação, porque nada sabia.

D. Bosco foi lendo as cartas e, de quando em vez, pedia-lhe notícias das pessoas, cuja carta acabava de ler: e assim seguidamente até despachá-las todas.

oOo

6. DONATIVO

Uma senhora dera a Malan três francos para que D. Bosco celebrasse uma Missa para ela; Malan acrescentou outros 3, com a intenção de fazer à casa um pequeno donativo, sem que D. Bosco soubesse.

D. Bosco recebeu a esmola e, observando-o, em francês, lhe perguntou: "Isso não lhe fará falta? . . ."

Em seguida foi escrevendo as respostas: alguma sobre uma folha de papel, outra sobre um cartão de visita ou atrás de uma estampa de Na. Sra. Auxiliadora, sem mais falar.

oOo

7. ESTAMPA

Terminado aquele serviço, perguntou-lhe o nome dele e no verso de uma estampa de Nossa Senhora escreveu: "Ô Marie protegez votre enfant Antoine e le conservez dans le chamim do paradiz" — Abbé Jean Bosco.

Enquanto D. Bosco estava assim ocupado, Malan, todo agitado e confundido, queria lhe fazer o pedido de entrar no Oratório, mas não sabia como falar.

Devia lhe dizer tudo ou somente lhe pedir conselho sobre a vocação?

Não tinha coragem de abrir boca, tanto assim que a única vez que

falara disso em confissão a um religioso francês recebeu uma resposta desanimadora: "Deus sabe -- escreveu ele -- o que naquele momento agitava o meu coração".

oOo

8. LÁGRIMAS

Afinal D. Bosco deixou a pena e voltando-se para ele, entregou-lhe as respostas para as pessoas destinadas e lhe deu também a estampa preparada para ele, recomendando-lhe que a levasse sempre consigo.

Em seguida, sorrindo olhou-o e lhe disse em francês: "Agora que temos falado de todos os outros, falemos um pouco de você; logo mais você há de voltar, para ficar comigo, não é verdade?"

Malan, com o coração já carregado, ouvindo aquelas palavras desatou chorar, caiu de joelhos e por alguns minutos, entre lágrimas, se esforçara de responder, mas não lhe foi possível tanto soluçava. Porque chora? — dizia-lhe D. Bosco.

Queria lhe responder, porque lhe perguntara se queria fazer-se salesiano; ter desejado isso, mas não ter a coragem de lho dizer.

Até que enfim, sem prestar atenção ao que falava, perguntou-lhe se tinha falado seriamente.

D. Bosco que o olhava sempre sorrindo, respondeu-lhe: "Je dis très serieusement".

oOo

9. CONFISSÃO

Com tal resposta as lágrimas começaram.

D. Bosco, sempre sorrindo, repetia-lhe que Nossa Senhora queria assim mesmo.

Eu — como fala Malan — não sabia mais me dar conta, nem do lugar onde estava, nem do que estava fazendo.

Aquela minha profunda comoção durou uns vinte minutos. Depois, aos pés de tão tenro pai, confessei-me; lhe disse tudo.

Oh que consolação, que felicidade!

10. "LIVRE"

Feito isso retirou-se, porque havia muita gente esperando.

A conversa durara uma hora e meia.

O dia seguinte se concluiu tudo com a máxima calma.

— De onde você vem agora — me perguntou D. Bosco.

— De Cuneo, pelo alistamento militar. — respondi.

— Como saiu a coisa? — continuou ainda D. Bosco.

— Estou livre — disse

— Então basta — concluiu ele.

oOo

11. CONDESSA

Em seguida, lhe propôs de escolher a casa salesiana que mais lhe agradasse: Nizza Marítima ou la Navarre.

Ficava-lhe a dificuldade de tudo ajeitar: como poderia se livrar da ocupação, junto da Condessa Combaud, sem ofender uma pessoa que lhe fizera tanto bem.

— Se faz logo: escreva-lhe que fica com D. Bosco.

— Escreverei, pedirei a permissão, e se o senhor quer, deixo tudo e volto logo.

— Não, estimo demasiadamente aquela senhora e não quero que a deixe de maneira improvisada; poderia ter dificuldade.

Volte lá, diga-lhe que viu D. Bosco e que o convidou a se fazer salesiano.

Eu acrescentarei que tenho uma grande vontade de ficar com D. Bosco, e lhe pedirei que o permita.

— Faça as coisas com prudência e não tenha muita pressa.

Isso combinado, voltou a Tulon e foi ao Castelo dos Combaud.

oOo

12. PERMISSÃO

Tinha já escrito à senhora Condessa: assim que a encontrou muito comovida e não menos ele atrapalhado lhe disse: "Se a Senhora quer que eu fique aqui, fico; mas D. Bosco me disse que eu hei de ser salesiano.

E disse-lhe o que se passou em Turim.

— Oh quando a coisa é assim, respondeu a senhora, saiba que D. Bosco nunca erra nestas coisas: tem Deus que o inspira. Pode mesmo ir, eu fico muito satisfeita e não me oponho. Siga o conselho de D. Bosco; eu arrumarei de modo de tudo providenciar diferentemente.

oOo

13. "NAVARRE"

Permaneceu no Castelo ainda três meses.

Sempre à tardinha metia-se pelos arvoredos e ia rezar e chorar aos pés de uma coluna que dentro de um nicho, havia uma pequena imagem de Nossa Senhora.

Uma vez, enquanto recomendava, fervorosamente, a sua vocação à Virgem Santa, viu uma chamazinha brilhar na mão direita de Nossa Senhora e depois chegar perto dele.

Tal o encheu de admiração e alegria.

Referida a coisa a D. Bosco, a primeira vez que o encontrou em Navarre e, perguntando-lhe se devia levar isso em conta: "Sim, Sim! . . . — respondeu-lhe D. Bosco — presta atenção, leve-o em conta, dê-lhe importância".

oOo

14. "PRISÃO"

Malan tinha entrado a Navarre uns três meses depois que falara com D. Bosco.

Em março de 1883, D. Bosco chegou naquela casa.

Prestaram-lhe homenagem, com uma pequena academia, onde também Malan leu alguma coisa.

D. Bosco, como o viu, reconheceu-o e disse: "Oh Antônio, até que enfim está na cadeia.

— "Je sui em paradis — respondeu Malan.

oOo

15. "S. JOSÉ"

Naquele Instituto S. José, fundado quase um lustro antes, o esperançoso Malan, encontrara uma particular e não menor benevolência.

Os estudos eram levados a sério.

Não lhe faltavam encargos de bondosa confiança.

O tempo era tomado por completo.

A compreensão dos mestres, sempre no meio dos alunos, dominava soberana.

oOo

16. DIVERSÕES

As diversões alegres e de toda a espécie, pelos pátios e no salão de atos, não faltavam.

A mesma capela, com funções breves, mas com a participação dos alunos muito ativa, na quase totalidade deles, tinha um encanto e uma atrativa todas particulares.

Nada sobrava para as saudades: o coração sentia-se inundado com as mais doces e suaves alegrias.

oOo

17. NOVICIADO

Malan, entrado em o Noviciado de Santa Margarida (Marselha), no mês de outubro de 1884, pelas mãos de D. Albera recebeu a batina a 15 de agosto de 1885 do ano seguinte . . .

Emitiu os votos de pobreza-castidade-obediência, a dois de outubro de 1885.

oOo

18. CIRCULAR

Entretanto os empreendimentos, mormente, da América do Sul, reclamam auxiliares.

O Santo da Juventude completara já a idade bíblica, e as forças de D. Bosco mal lhe permitem caminhar.

Sua mente, porém, é lúcida e magnânimo o seu coração.

A Europa e o mundo todo recebem CEM MIL CIRCULARES, que promorcionam a TRINTA JOVENS MISSIONÁRIOS os recursos para atravessar o Atlântico.

Entre eles acha-se, outrossim, o Clérigo Malan.

oOo

19. URUGUAY

Sua meta há de ser Vila Colon — Uruguay, onde presta também sua atividade no Observatório Metereológico (temperatura — direção e velocidade dos bentos — tipos de nuvens, etc.), como também a redação dos respectivos "Boletins".

Os dados de tais observações abrangem a mesma Terra do Fogo e repercutem até na Rússia.

oOo

20. PADRE

Mas acima da ciência Metereológica e dos imprescindíveis trabalhos educacionais, Antônio se atira aos estudos, que lhe possibilitem, quanto antes, dispensar os "DONS DE DEUS", ser PADRE. Com a idade do Mestre Divino, já é "OUTRO CRISTO".

Ordenado pelo primeiro Bispo Salesiano, o futuro Cardeal Cagliero, anos seguidos aguardam-no o estenuante trabalho de Prefeito, no importante Colégio Pio, sempre em Vila Colon, sendo o braço direito de Dom Lasagna.

Suas forças, porém, se acabaram: o médico esgotou todos os recursos: deixa o atestado de óbito, a ser preenchido com a hora em que se der o passamento: o que não será.

oOo

("Malan") sempre alimentado pela piedade, soube sempre manter a observância das "Constituições" e o espírito do fundador".

— D. Pedro Massa

II PARTE

MISSÕES: Mato Grosso . . . ESPERANÇA

- | | |
|------------------|-------------------|
| 21. Missões | 36. Major |
| 22. Cuiabá | 37. Médico |
| 23. Asilo | 38. Boqueirão |
| 24. Coxipó | 39. Barreiro |
| 25. Excursão | 40. Telegrama |
| 26. Campo Grande | 41. Goiás |
| 27. Pregações | 42. Massacres |
| 28. Corumbá | 43. Barracões |
| 29. Coxim | 44. Bororo |
| 30. Leste | 45. "Imaculada" |
| 31. Expedição | 46. Sangradouro |
| 32. Contratempo | 47. Palmeira |
| 33. "RANCHÃO" | 48. Bispo |
| 34. Panorama | 49. Alto Araguaia |
| 35. Estação | 50. Promoções |

oOo

A ESPERANÇA é a virtude sobrenatural infusa, em nossa alma pela qual confiamos alcançar de Deus a vida eterna e os meios necessários para conseguí-la."

— Voze 1959



Colônia do S. Coração. — Após dous anos não mais importou-se vinho. A parreira vinga extraordinariamente no Barreiro.

Mas outros eram os designos da Providência.

Com mais de uma década de "Salesianíssimas Escolas", iniciadas com D. Bosco, em "VALDOCCO" – Turim, Pe. Malan começa as

21. MISSÕES

de Mato Grosso, cuja duração será três vezes maior.

Da farta literatura a esse respeito de D. Helvêcio e Pe. Duroure transcreve-se somente um mínimo.

"Em 24 de maio de 1894, partia do Rio da Prata uma expedição de Missionários, regidos por D. Luiz Lasagna.

Em 18 de junho, foram solenemente recebidos em Cuiabá, onde S. Excia. o Sr. Bispo Diocesano entregou-lhe a direção da Igreja paroquial de S. Gonçalo e o anexo edifício.

oOo

Abriu-se logo o Oratório Festivo S. Luiz, frequentado por duzentos e mais meninos e moços de todas as classes da sociedade.

Em 1º de setembro instalaram-se as aulas elementares, inferiores e superiores, bem como os cursos Complementares lecionando-se a diversos alunos do 1º e 2º ano de ginásio. Pe. Antônio Malan era Diretor, auxiliado pelos salesianos. Pe. José Solari, Pe. Artur Castels, Cl. Agostinho Colli e SC M. João Batista Ruffler.

Já na festa de S. Pedro, D. Carlos entrega a Pe. Malan a paróquia de São Gonçalo, com a portaria". . . Fazemos saber que . . . havemos por bem nomear . . . por tempo indeterminado . . . Pe. Antô-

nio Malan . . . vigário . . . administrando (aos fiéis) os sacramentos e absolvendo de todos os pecados . . . principalmente aos meninos e às pessoas rudes . . .

E mandamos a todos os paroquianos . . . que reconheçam ao sobre-dito Pe. Antônio Malan por seu legítimo paróco e como tal o estimem lhe obedeçam . . . em tudo quanto são obrigados”.

Cuiabá, 29 de junho de 1894

D. Carlos — Bispo de Cuiabá

oOo

22. CUIABÁ.

Já, a 18 de junho de 1894, D. Carlos no solene “TE DEUM”, fez ler: “Fazemos saber que tendo chegado felizmente a esta capital os ínclitos filhos de D. Bosco . . . que a pedido . . . vêm encarregar-se da catequese dos nossos índios . . . coadjuvando-nos em tudo o que respeita a salvação das almas . . .

Em dezembro, Pe. Malan funda a Irmandade de Nossa Senhora da Imaculada, com o duplo fim de religião e caridade.

oOo

Aquela boa gente vibra de uma nova vida que anima e conforta a cidade inteira.

O ano seguinte — 1895 — também os índios Bororo da Colônia Teresa Cristina podem beneficiar-se da amizade heróica dos filhos espirituais de D. Bosco.

Aqueles silvícolas do Rio S. Lourenço, atendendo aos intrépidos missionários, imitando-os no duro trabalho da terra, que produz milho, cana-de-açúcar e mandioca em abundância.

No terceiro ano, três daqueles filhos da floresta matogrossense, no dia 1º de outubro de 1898, eram batizados na Igreja de N. S. Auxiliadora, em Turim, pelo 1º Sucessor de D. Bosco, agora Beato Miguel Rua.

oOo

23. ASILO

Ainda em janeiro de 1895, como a casa de S. Gonçalo não comporta mais os alunos, sempre aumentando, — Pe. Malan compra a quadra de m. 200Xm200, a cujo respeito Pe. Zefirino informa: "... havia nela cajueiros, piquizeiros, mangueiras ... (onde agora estudam 4 mil alunos) ... Num canto, uma colina, hoje coroada soberbamente pelo Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora, com no centro a torre mais alta de todo o grande Mato Grosso.

oOo

Em abril, dia 10, chegam as Irmãs FMA, para o Asilo Santa Rita que, mais tarde, a 9 de junho, empreendem sua faina sacrificada, também entre os índios, com Diretor Pe. Balzola.

No dia 16 de novembro de 1900, em terreno do "S. Gonçalo", é inaugurado o Observatório Metereológico D. Bosco ...

Colocado sobre uma colina, suas observações, diariamente, eram transmitidas, pelo telégrafo ao Rio e a Buenos Aires, favorecendo os relatórios e mapas metereológico dos grandes observatórios americanos e da mesma Europa.

Há de passar à História a seriedade abnegada de seus continuadores, mormente de Pe. Ricardo Remetter, a lhe merecer a CRUZ DA ORDEM DA RFA, graças à dedicação do SC Prof. Jorge Bombleid, atualmente ocupando a cadeira de Metereologia na Universidade Federal de Mato Grosso, com invulgares publicações no assunto.

oOo

24. COXIPÓ

Pe. Malan, em 1897, funda o Oratório Santo Antônio no vizinho povoado de Coxipó da Ponte, numa grande chácara destinada para um centro agrícola.

Os futuros benefícios não é fácil aquilatá-los: o Noviciado há de celebrar-se, por quem se tornará Presidente do Estado e Arcebispo da Capital, D. Francisco de Aquino Corrêa.

Os aspirantes à vida salesiana chegarão a uma centena, com dezenas de alunos externos.

A paróquia, com inúmeras capelas, constitui um centro importantíssimo de vivência cristã, segundo D. Bosco, para milhares e milhares de almas.

oOo

A essa altura convem lembrar que as imensidões (mais de um milhão de Km²., embora com menos de cem mil moradores no inteiro Mato Grosso), — eram aos cuidados dum só Bispo que, auxiliado por um e outro padre, e no seu zelo, confiara a inteira Diocese de Cuiabá (2.000.000 de km²?) ao apostolado dos Salesianos.

Pe. Malan em seu evangélico dinamismo, não perdera tempo, ainda que por intermédio de heróicos auxiliares, lançados nas mais desconstradas impérvias regiões do ainda misterioso Mato Grosso.

oOo

25. EXCURSÃO

No ano de 1895, projeta-se uma excursão na bacia do Rio Jurue-ma — Tapajós, um dos principais afluentes do Amazonas.

Pe. Malan prontifica-se em mandar o Pe. Nicolau Badariotti.

Após a Missa, 26 de julho, a devota assistência — presente o Comendador Manoel Nunes Ribeiro — rumam para a Barra do Bugre.

Num lugarejo, após três dias de peripécias, Pe. Badariotti catequiza, batiza, crisma e assiste a casamentos.

No povoado do chapadão, as famílias chegam de longe, para aproveitar do sacerdote: evangelização, Missa, Sacramentos. Pe. Nicolau é também cientista: anota sobre planta, bichos etc; editara um livro notável sobre a flora, a fauna e a mineração dos Parecís, assim como dados preciosos sobre a etnologia e a antropologia dos Índios.

Das substanciosas meia dúzia de página de Pe. J. B. Duroure, ainda se transcreve: "Pe. Badariotti, nascido a 13 de janeiro de 1864, fez o noviciado em Niteroy professando com 22 anos de idade, emitiu os votos perpétuos de Pobreza — Castidade e Obediência a 14 de agosto de 1887. Padre a 25 de julho de 1888, há de fundar um Colégio perto de Bom Sucesso (MG), falecendo com fama de

santo, na década da bíblica idade, nos anos vinte.
Deixara todos os seus bens, móveis e imóveis, aos Salesianos.

oOo

26. CAMPO GRANDE

Atendendo à Carta Pastoral de D. Carlos de 17 de maio de 1898, Pe. Malan encumbe Pe. Solari, que segue a 12 de julho, para o Sul Matogrossense, embarcando na lancha "RIO VERDE".

Baldeando em Corumbá, com o vaporzinho "ELBA", chega a Miranda no dia 23, recebido festivamente.

Por vinte e mais dias, o padre empenha-se, sem regatear esforços: sermões, conferências, catecismos às crianças, visitas aos doentes, e depois de intensa preparação, batismos, confissões, comunhões, crismas, casamentos.

oOo

No dia 16 de agosto, a maioria dos moradores acompanham o padre, durante uma légua e com muita saudade, a despedida final.

Pernoita na Fazenda Catapé, e depois do jantar, reza do santo terço, ladainhas, catequese.

De manhã, confissões, Missa, Batismos, Crismas e casamentos; visita às ruínas de Santiago de Xeres, fundação dos Jesuitas hespanhoes, ainda no século XVI.

oOo

Meia légua antes de chegar a Aquidauana, encontro duma comitiva de homens e na chegada, repicam os sinos e pipocam os foguetes.

O Padre celebra Missa, prega e durante dois dias administra os sacramentos...

— Benze um cruzeiro; os habitantes entusiasmados, oferecem à Missão Salesiana um terreno, para fundação de um Colégio; anos mais tarde, Pe. Malan recebia o pedido formal assinado por 438 homens.

Na despedida, todos os homens válidos acompanham o Padre na estrada que leva a Campo Grande, quilômetros seguidos.

Ao anoitecer, alcança o rancho de um pobre lavrador.

Reza, cantos, o Padre fala de Deus, de seu amor misericordioso, da oração, que é um meio de conversar com Deus, Pai . . . De manhã, improvisa-se o altar . . . e Cristo desce nesta chopana.

Terminada a Missa, batizados, crismas, confissões, casamentos.

Ainda quatro dias de marcha . . .

Enfim ao por do sol — dia 9 de setembro — entrada em Campo Grande, sem que ninguém o esperasse . . .

oOo

Hospeda-se na casa do Sr. Bernardo Baís, onde permanece nove dias, tratado com fidalguia superior.

Padre Solari prega em praça pública, duas vezes ao dia, onde reúne o povo.

No dia do encerramento, desde as 4 hs. da manhã até a meia noite, não tem um momento de descanso.

A procissão reúne duas mil pessoas, onde se contava somente noventa casas . . .

Hoje Campo Grande ostenta 3-4 centenas de milhares de habitantes, dos quais uns 15 mil — desde o jardim da infância aos Cursos Universitários — estudam com os Salesianos e FMA, que atendem, ao mesmo tempo, a várias paróquias, com a Catedral e também o Arcebispo é D. Antônio Barbosa — SDB.

oOo

27. PREGAÇÃO

Retoma a viagem . . . o tempo passa . . . meia noite . . . o ronco da onça . . .

Alta madrugada . . . volta à procura da estrada . . . encontra o rancho de uma pobre viúva; na fazenda a beira do Lageado, o dia seguinte, Instrução Religiosa, Missa, Sacramentos, sempre tudo acompanhado de catequese adequada.

Fazenda "Rio Brilhantes" . . . "Boa Esperança", na Serra de Mara-

cajú, perto do torrente Taquarussú . . .

Pe. Solari, durante seis dias, prega a palavra de Deus, administra os Sacramentos aos moradores de ambas as fazendas.

oOo

Desce a Serra de Maracajú, vadeia o Rio Urumbeva e atravessa uma aldeia de índios mansos.

Ao anoitecer, ao repique dos sinos, entra em Niuaque.

Pe. Solari prega de manhã a noite.

Durante o dia confessa, batiza, crisma, tendo cuidado de cetequizar bem os que se apresentam para os Sacramentos.

Manda lavar e fincar na entrada da cidade um grande Cruzeiro, onde o povo, durante o tríduo, vai em procissão, cantando as ladainhas dos Santos.

Em meio a comoção geral, é celebrada a Missa no Cemitério pelos defuntos, instruindo-os sobre o Purgatório e a devoção das almas dos finados.

Em outubro, o Padre deixa Nioaque . . . a cidade em peso o espera na margem do Rio Urumbeva, para se despedir e receber a última bênção.

oOo

Viaja o dia inteiro . . .

Hospedado numa casa, de manhã o Padre celebra a Missa, batiza sete crianças e assiste o casamento de índios Terrenos.

Continua a viagem, chegando à noite em Aquidauana, onde espera cinco dias a condução "LIGURIAS" que, após seis dias, alcança a barra do Miranda.

oOo

28. CORUMBÁ.

No Ladário, por seis dias, prega a Santa Missão; durante o dia passa o tempo livre sentado no confessionário, atendendo a todos os adultos.

Triunfo do amor misericordioso do Senhor e frutos dos exemplos e atividades do Capitão Lôbo.

Concorridíssimas as cerimônias da Bênção do novo Cemitério e das imagens da Via Sacra.

Solene o encerramento com a procissão tradicional e a ereção de um alto Cruzeiro.

oOo

Poucas missões tiveram o resultado tão grande e vigoroso sucesso na propaganda, como a que Pe. Solari ia pregar.

Toda Corumbá está presente à abertura.

O Padre sobe ao púlpito . . . lê a portaria do Bispo que o apresenta; expõe o plano da pregação: o Evangelho de Jesus Cristo, fonte do que devemos crer, fazer e receber.

Anuncia o horário das pregações, etc.

Fixa a data dos batizados, das crismas . . .

A quem recomenda moderação no pregar, responde: "Há muitos anos ofereci a minha vida a Deus, pela salvação das almas . . ."

Sobe ao púlpito e, com voz clara: "Serei feliz de morrer no cumprimento de meu ministério de Dispensador da Palavra de Deus".

A 2 de outubro termina a santa Missão, Pe. Solari embarca para o Ladário e no dia 4 celebra a Santa Missa, diante de uma multidão e benze o Arsenal da Marinha.

Em Corumbá, realizada na Igreja, uma comovente cerimônia, duas mil pessoas e mais acompanham-no ao porto; o Padre sobe a bordo do "RIO VERDE" e benze a multidão, espalhada pelos cais.

Sete dias de navegação e chega a Cuiabá, após quatro meses de ausência, com um saldo, além das muitas pregações, numerosíssimas confissões, e comunhões, de centenas de batizados, milhares de crismas e dezenas e dezenas de casamentos.

oOo

E o ano seguinte — tarde de 15 de março de 1899 — chegam a Corumbá os Salesianos, destacados pelo Pe. Malan . . .

Aos 4 de abril, as aulas começam com 35 alunos . . .

As Irmãs FMA lá chegaram aos 12 de fevereiro de 1906 . . .

Nos anos oitenta além das duas paróquias e do Exmo. Sr. Bispo,

superam a casa de CINCO MIL os alunos das Obras de D. Bosco, na dinâmica Corumbá.

oOo

29. COXIM

Suspensa as atividades na Colônia Teresa Cristina, Pe. João Balzola recebe oportunas instruções de Pe. Malan, para levar a palavra de Deus à Boa gente de Coxim.

Após dias e dias de viagem, pernoita numa aldeola de casas de pau-a-pique.

O Padre aproveita para visitar os moradores, falar-lhes de Deus, animá-los, conferir-lhes alguns sacramentos, celebra a Santa Missa e convida-os para a missão de Coxim, onde, há de fazer bimbalar os sinos.

Desde o dia 25 de junho chega gente e mais gente, vindo de perto e de longe, a pé, em canoas, de carro de bois, e os do pantanal a lombo de vaca, para ouvir a Palavra de Deus, confessar-se, batizar as crianças, e, não raras vezes, adultos idosos, crismar-se, casar e fazer abençoar uniões naturais.

Pe. Balzola permanece 17 dias em Coxim.

Aos 17 de julho, rodeado por uma multidão, segue a pé, até o Rio Taquarí.

Embarca numa canoa que desce rapidamente o rio . . .

Nas margens, aqui e acolá, dezenas de pessoas chamam o Padre . . .

Idade, falta de condução, de recursos, etc. impedira de comparecer à Santa Missão.

Esperam o sacerdote para ouvir a Palavra de Deus, batizar as crianças ou crismá-las, casar-se; o Padre gastou três dias para chegar à fazenda que o espera.

São 500 pessoas as que ouvem o Evangelho, numerosas as crismas, CEM Batizados e uma dezena de casamentos, nos dois dias que o Padre terá de ficar.

oOo

Continua a viagem e Pe. Balzola, a noite, entre no Peixe do Couro, pequena povoação de Santo Antônio do Leverger.

Para atender ao povo, o Padre demora dois dias.

As peripécias foram sem conta e sem que faltassem chuvas persistentes, durante os oitenta dias de viagem, com 375 batizados, 470 crismas, 46 casamentos e centenas de santas comunhões.

Três gerações mais tarde, 1978, Coxim tinha o seu Prelado — Bispo: Dom Frei Clovis Frainer — O.F.M. Cap.

oOo

30. LESTE

Após as heróicas excursões dos abnegados apostólicos auxiliares, Pe. Badariotti — Pe. Solari — Pe. Balzola, é a vez de Pe. Malan, para o qual se deixa à pena do então Pe. Helvécio de Oliveira, extraíndo das páginas 21-68, algo da sua notável fadiga de 9.VI.1908, publicada em São Paulo: "MISSÕES SALESIANAS em Mato Grosso" "... De há muito projetávamos nos internar pelos ínvios sertões... porém a Providência pareceu chamar-nos socorrer e civilizar os pobres Bororos, que ainda se lembram dos nossos trabalhos na inditosa colônia do Rio S. Lourenço.

oOo

Muitas pessoas, amigas da Obra Salesiana não cessam de chamar minha atenção — é o conteúdo de uma carta de Pe. Malan ao 1º Sucessor de D. Bosco, D. Rua — para as regiões que margéiam a linha telegráfica, que une esta cidade de (Cuiabá) à capital da República, devassada pelos Coroados, tão tratáveis nos aldeamentos, como terríveis quando vagueiam pelas florestas.

Acresce que diversos Padres e Irmãs nossos falam discretamente o dialeto dos Bororos, de cujos costumes já temos pleno conhecimento e estudo.

Sendo grandes as necessidades de ambos os lados, resolvemos lançar-nos à catequização da tribo Bororo, que, sem o auxílio da Colônia S. Lourenço, tornar-se-ia nomada, assaltando os guardas da linha (telegráfica) e os pacíficos moradores das fazendas e sítios do interior. O Revmo. Pe. Paulo Albera, representante de V.R. (1º Sucessor de D. Bosco), ao aportar a essas terras, ficou abis-

mado pelo grande bem que há aqui por fazer, em todos os ramos da educação e instrução: a primeira vez que se externou em público disse: "Ao penetrar os umbrais deste Colégio, vieram-me à mente as palavras do pranteado Mons. Luís Lasagna a D. Bosco: "Como é grande, como é vasta a missão de vossos filhos no Brasil!"

Escrevendo ao Sr. D. Rua, hei de indicar o grande campo missionário . . ."

oOo

31. EXPEDIÇÃO

Apenas ausente o Pe. Visitador, puzemo-nos em preparativos de viagem que, pela extensão do trajeto (percurso), das dificuldades da estação, — acarretam inevitáveis dias de sofrimentos . . .

Às 11 hs. da manhã do dia 28 de agosto de 1901, saímos de Cuiabá . . .

Os nossos bons alunos improvisaram uma pequena sessão literária . . .

Três éramos os viajantes: eu, Pe. Balzola e o SC Mestre Gabet; íamos em companhia do Inspetor da linha telegráfica e dois trabalhadores, para o serviço diário da tropa e extraordinário.

Logo ao sairmos da cidade, atendeu-se em confissão a uma senhora, muito pobre, que havia meses estava gemendo num leito de dores atrasos . . .

A uma hora de viagem, demos o último adeus aos bons noviços e a Pe. Oliveira.

Eis-nos em plena marcha, ao som compassado e monótono dos cascos dos animais, ora sobre areia fina, ora sobre um pedregulho de cristal de pedra canga . . .

O indómito corcel parece querer devorar a estrada, que, rápida, lhe foge debaixo dos pés; o paciente burro, ao invés, no constante duro trote, cabisbaixo, ao peso das bluacas, parece meditar nas enormes distâncias que deve vencer, ao troco de miserável ração de milho e minguaado pasto, no momento que repousa o patrão. A nossa palestra versava sobre o fim da Missão ao Barreiro, Rio das Garças e Araguaia.

Falávamos das explorações que tencionávamos fazer antes de as-

sentar definitivamente o centro colonial que em breve fundaríamos.

Seguimos sempre a larga estrada da linha telegráfica, cujos intermináveis postes, mudas sentinelas avançadas da ciência (e da técnica), perdem-se no horizonte em direção ao LESTE.

Às 8 hs. da noite chegamos, onde se costumava parar os animais, pela abundância de água e pasto.

Aí encontramos o SC. M. Gabet, com os camaradas, que nos precederam e os animais de carga, mais vagarosos de que nos quais viajavamos nós.

oOo

32. CONTRATEMPO

Na aurora do dia 29, colheu-nos em extenso descampado, de onde saímos, sem celebrar, cedinho, para evitar uma forte chuva que ameaçava desabar.

Chegados ao Pindahryal apeamos uns minutos para os animais pastarem, quando sai repentina e desesperadamente do cerrado um mulo bravio, incutindo o maior susto aos animais que, espavoridos, se precipitaram uns pelos matos e outros pela estrada.

Fora tal a fúria dos animais que se partiram as selas, caíram as bluacas: estribos-facas-redes-etc. tudo se perdeu.

Mandei ao SC M. Gabet e companheiros que seguissem as pegadas dos animais, no que empregaram dois dias: a minha besta foi encontrada sem areiosa, com só uma parte dos objetos; o burro do amigo Fernandes foi encontrado, enfurecido, uns 40 dias depois.

Pela manhã celebramos a Santa Missa, assistida pela comitiva e, depois das práticas de piedade, reunimo-nos para o que "fazer".

Pe. Balzola seguiu para Cuiabá, enquanto fiquei atendendo alguns batizados, às confissões, com instrução religiosa a uma turma de pessoas que, ao saberem da estada de um Padre, afluíram, sequiosas da palavra divina, vindas de uns 10-20 Km

Distribuí um horário a cada um dos que comungaram e uma medalha de Nossa Senhora aos presentes, que saíram alegres e agradecendo a Deus.

oOo

Pe. Balzola, após a Missa da comunidade do Liceu de Cuiabá, veio ao nosso encontro, trazendo três bons animais, sendo um do nosso incansável amigo João Marques Ferreira, com um camarada. A 3 de setembro, o esquadrão deixou o triste pouso e, com uma boa puchada, avançamos muitas léguas.

À noite esperavam-nos um contratempo que, mais tarde, havia de se tornar diário.

Mal havíamos armado o toldo, começo soprar um vento terrível, seguido de grossos pingos d'água.

Tivemos apenas o tempo de abrigar o altar portátil, alguns objetos delicados, e logo desabou uma torrente diluvial: é impossível descrever a nossa crítica situação, durante a tempestade, apinhados, abafados e quase asfixiados, com a chuva a penetrar, numa escuridão medonha.

Armara minha rede na parte superior; por debaixo cruzavam as de Pe. Balzola e do Inspetor da linha com um enorme couro de boi por lençol; passamos assim as longas horas da noite e sem dormir.

oOo

33. RANCHÃO

A esplêndida manhã (que se sucedeu) nos convidava a viajar: celebrada a Missa, seguimos a grandes marchas, precedidas pelos carregueiros, que saíram duas horas antes.

A uns 25 km. do pouso, deparamos a tropa e chegamos ao lugar Conceição de Aguassú, hoje Ranchão, pelos ranchos e algumas moradias de telhas do Governo Federal.

A mesa foi posta para almoço e janta, por estarmos desde manhã com uma ch'cara de café.

Enquanto os empregados se entregavam ao serviço dos animais, terminamos o breviário e, feita as práticas de piedade, nos deitamos a repousar também pela noite anterior, tão agitada pelo furacão.

O dia seguinte, 5 de setembro, celebrada a Missa, alguns batizados (também), e seguiu-se viagem ao Rio Manso — manso só de nome — pois nenhuma ponte resiste à correnteza de suas águas; paramos

no Tijucal, córrego de águas excelentes.

Refrescados os animais, começamos a galgar a íngreme serra da Chapada.

Depois de duas horas e meia de tadia, ora desviando o animal de precipícios horrendos, montados ou a pé, chegamos ao cimo, 800 ms. acima do nível do mar.

Quem nesses anos "oitenta" ler isso haverá até de rir, pois tais distâncias, com o asfalto, talvez sejam vencidas nalguma hora: as atuais 5 hs. Cuiabá — Guiratinga, em 1937 exigiram DOZE DIAS de caminhão.

oOo

34. PANORAMA

O panorama que de lá se goza exige outra pena: a natureza, a mata virgem . . . as várzeas em flor embalsamam os sentidos; os límpidos ribeiros, os lagos inquietos, o embater das cascatas, tudo isso é harmonia, é uma perpétua *orquestra*, cujas notas se casam com a opulência desta flora riquíssima, com que Deus douto o caro Brasil.

Todos esses encantos gozávamos, assentados sobre uma imensa lage daquelas plagas, contemplando ao longe as cabeceiras de vários rios, os ranchos com suas roças verdoengas, a serra dos chapadões, em que freme a rola e uiva a traiçoeira cangassú, na caverna onde acolhe os seus filhotes.

Seria um prazer permanecer aí por muitas horas e dias, mas o sol declinava e o pouso era ainda muito distante.

Viajamos magnificamente no alto da serra que forma o "divortium aquarum" das maiores bacias do mundo: ar puro, água frígida, os animais pareciam devorar a estrada entre os postes da linha telegráfica.

Às 7 hs. da noite do dia 5 de setembro chegamos à estação do Rio Manso, onde o telegrafista é um bom chefe de família, a nos acolher com toda amabilidade, delicadeza e atenção: fazia nove dias que não nos assentávamos à mesa.

À conversação amena e não menos espiritual, a que a família se mostrava muito interessada, seguiu-se horripilantes acenos da tragédia entre índios e civilizados dos arredores, a parecerem incriveis.

Além de outras informações da tribo dos Bororos — Coroados, o Sr. Assiz, com outros sertanejos hospedados, forneceu detalhes sobre os costumes deles.

Colheu-se notas sobre a topografia da região, onde se pensava assentar a “Colônia”.

oOo

35. ESTAÇÃO

Ao romper da aurora, celebramos as duas Missas, às quais assistiram os moradores do lugar, com muita devoção várias turmas de passageiros de Cuiabá de diversos pontos, que viajavam em direção oposta, para sítios distantes.

Chegados ao Burity — o Sr. Assiz, embora doente nos acompanhava — hospedamo-nos na casa do Sr. Borges, cujo filho estudara, por diversos anos, como externo no nosso Colégio São Gonçalo.

O Sr. Diogo ao ter conhecimento da nossa viagem, descreveu o estado deplorável dos infelizes índios, sem o Missionário que lhes incute o temor de Deus, a prática dos Sacramentos, fugindo pelas matas, com dolorosíssimas consequências.

oOo

Cortando as cabeceiras do correntoso “S. Lourenço”, chegamos, ao anoitecer, a Capim Branco, importante centro da linha telegráfica, a que pertenciam os edifícios de telhas em redor de um outeiro, com simétricas serras, um conjunto encantador.

O Rio S. Lourenço corre vertiginoso a 400 ms. antes de chegar à estação central, ladeada de umas 40 casas, da maior parte de empregados a serviço da linha: dista 26 léguas de Cuiabá e 50 e tantas aquém da nossa colônia.

A pedido dos piedosos moradores e a repousar os animais, mormente de carga todos feridos, resolveu-se falhar dois dias.

Visitou-se os principais moradores, começando pelo Sr. Francisco Inácio, Inspetor da linha, que, no dia anterior, assistindo à roçada, fraturou-se a perna direita, com horríveis sofrimentos.

Prestam-lhe os socorros possíveis e, no dia 8, Natividade de Maria, a Missa foi na intenção do doente, com assistência grande de povo, acentuando-se a proteção da Virgem Na. Sra. Auxiliadora.

O doente experimentou grandes melhoras e beijou, comovido a medalha de Nossa Senhora, distribuída a todos os presentes: eram as primeiras medalhas e rosários que se viam por aqueles moradores.

Após uma atadura que lhe fizemos aos joelhos com linhos embebidos em vinho, o Sr. Inácio sentiu-se aliviado a ponto de poder estender a perna algumas horas depois.

O nosso coração comovia-se ao ver aquele povo tão necessitado de instrução religiosa, tão disposto à palavra divina e assim abandonado.

36. MAJOR

Adiantel Adiante, porém os Bororos esperam: eles são ainda mais infelizes.

Ao saudar aquela boa gente, na despedida, o coração do pobre missionário sentia-se um pigmeu perante o vasto campo das apostólicas fadigas.

Guiados pelo Sr. Manoel Campos, passamos pelo Roncador, a 9 de setembro, fazendo alta no sítio do Major Moreno, acolhendo-nos, com a bondade que o caracteriza: um lauto jantar, com frutos agrestes variados e diversas qualidades de carnes, também das matas e rios vizinhos.

Nosso grande amigo o Maj. Manoel da Cunha Moreno, distinto oficial do exército, comprara aí uma nesga de terra, construiu uma casa confortável e vive na instrução dos filhos e descendentes, no cultivo da terra e das melhores raças de gado vacum e cavalar.

À noite serviu no melhor que possuía; pela manhã, em pessoa, trouxe bolos de arroz, leite e farinha; mandou seus agregados para uma provisão boa de queijos e de todas as espécies de mantimentos, também para os animais.

Forneceu uma boa mula e ofertou-se um precioso touro Zebú, com algumas cabeças de gado, raça pura, para o começo da "Colônia."

Perante a generosidade do Major, um dos influentes encabeçou uma subscrição que, em poucas horas, ficamos credores de vinte e tantos bois, cavalos, vacas, etc.

oOo

Passamos a noite imediata apinhados em um rancho de pau-a-pique, com parede quase totalmente de varras barreadas, coberto apenas uma terça parte com folhas de "buritys".

Precedido de forte vendaval, a noite alta, um forte aguaceiro, entre vivos relâmpagos e fortes trovões, obrigou-nos lançar os nossos couros de bois, sobre as redes, sem podermos nos repousar.

Após as longas horas da noite, passamos pelo sítio do Sr. Teófilo Borges; à tardinha chegamos na Loga Seca, quando negras nuvens, carregadas, pareciam repetir os tormentos da noite anterior.

As ferroteadas dos enxames inúmeros de mosquitos, mormente noturnos, superam a disciplina mais austera de certas Ordens Religiosas, tanto aqueles insetos penetram pelas mangas da batina, etc. Lá chegou-se à tarde com um rápido almoço de manhã, sem meios de acendermos o fogo, para cozinhar um pouco de arroz: o furacão tudo destruíra; serenou o céu, pelas nove hs. da noite, mostrando-se de um azul marinho, como um manto estrelado.

A coragem assomou aos nossos ombros, como o sorriso da criança acariciada pela mãezinha.

Desta vez não apareceram nem os terríveis borrachudos e nem os importunos lambe-olhos e outros aborrecidos insetos; nesse jantar deu-se muitas graças a Deus, a nos proporcionar alimentos aos nossos tão engraquecidos membros.

oOo

37. MÉDICO

O pouso do dia 12 de setembro foi ao lado do córrego em frente de uma grossa e cerrada mata-virgem; espetáculo de tal magnificência que arrebatava a inteligência humana, acentuando a idéia da divindade.

De quando em vez, ouvia-se o rugido soturno da onça pintada e também do tamanduá-bandeira, paquiderme de cumprida e fel-puda cauda, garras forte que mata bois-garotes e até o mesmo tigre.

De Sangradouro telegrafei aos irmãos em Cuiabá e ao Dr. Manoel Murtinho.

Pousou-se na casa dele, o Dr. Murtinho, confortados por um ver-

dadeiro banquete e as atenções que caracterizam a fina educação da família Santos.

O Dr. Santos, bom médico da Marinha Brasileira, com numerosa clínica em Cuiabá, é adido à Escola de aprendizes marinheiros e grande benfeitor, faz sete anos que serve aos nossos quatro colégios pronta e gratuitamente.

O médico adquiriu naquela linda região uma meia dúzia e mais de 2 léguas, atravessadas por córregos e rios, entre risonhas colinas, alcatifadas das matas, com jacarandá, arueira, cedro, etc.

Tudo isso, em clima deliciosos, a 700 m. acima do nível do mar, com panoramas surpreendentes e várias espécies de gado.

Celebramos a Missa, com toda a assistência da Vila Santos, distribuindo-se diversas comunhões, ficando os batizados, casamentos e crismas, para o regresso . . .

Lá, como nas principais casas onde se pernoitou, era dever da família reunir um grande número de pessoas, para acompanhar os hóspedes, por longa extensão de percurso.

Ainda se nos preparou abundante escolhida matulagem que muito suavizou a viagem até Barreiro.

Os dois dias na Vila Santos refrescaram os animais, repousando perfeitamente todos nós, com roupa limpa, boas redes, esquecidos de estarmos a 400 km, da civilização da Capital.

A única dificuldade insuperável eram os mosquitos, carrapatos, pólvora, borrachudos, etc. que, na marcha e no pouso, verdadeiro tormento de dia e de noite, — justificam os índios, a se untarem de resina e sucos de erva.

oOo

38. BOQUEIRÃO

Viajamos dez léguas e o dia 15, pelas 3 horas da tarde, chegamos ao Paredão-Grande, formado por uma atalaia de pendidos verticais de 400 ms.

Almoçamos no Paredãozinho, continuação do antecedente, com que forma um esplêndido panorama.

Às 5 horas da tarde, chegamos ao "Boqueirão", lugar frequentado por onça, cervos antas e toda espécie de animais de certo tamanho.

Posamos dois dias sem celebrar, devido ao vento rijo, atrasando nossa piedade, mas favorecendo o caminho e assim chegarmos a meio dia, ao Barreiro de cima.

Repousamos os animais, se visitou a região para a escolha de um lugar conveniente à fundação do Centro COLONIAL da Catequese: campos para pastos, banhados, matas, etc.

oOo

A algumas centenas de metros da linha telegráfica, deparamos uma área com todos os requisitos para o local: uma atalaia de 40 ms. de altura, onde traçou-se o desenho da Igreja, das oficinas, dispensa, de ruas para o aldeamento dos catequizandos, etc.

Emanam de cada lado do centro do rochedo águas, cujos límpidos jorros deslisam, mansamente, pelas verden relvas, oferecendo um indizível panorama, pois abrange, outrossim, uma majetosa floresta, que leva pensar — como aliás também os demais outros — em “PORQUE AMO O MEU PAÍS” de Afonso Celso.

oOo

39. BARREIRO

Reunidos outra vez, deixamos o Barreiro de cima, a todo galope envoltos numa nuvem de poeira pelos cascos dos cavalos.

Após o lugar conhecido por Águas Emendadas e, às duas horas da tarde, apeamos em Barreiro debaixo, cujo telegrafista nos recebeu com as atenções que o nosso cansaço precisava.

É esta uma estação telegráfica da linha Rio-S. Paulo-Cuiabá, muito bem situada, nas margens do Rio Barreiro, a um Km. da foz do Parredão: consta de uns ranchos, seis famílias civilizadas; um italiano de mais de 70 anos vive alegre, pela fecundidade da terra, que lhe dá 200%.

Durante a falha no Barreiro de Baixo, com o Sr. Domingos da Costa Ferreira entramos num barco, explorando aqueles rios que desaguam no Barreiro, desde o Passa — vinte até ao famoso Rio das Garças, por onde os Missionários Jesuítas de Belém chegaram às Missões do Paraguay.

Deparamos o lugar apropriado para a Colônia Sucursal, onde se

plantaria roças de cereais, para o que não pudesse vir de Goiás, onde os mantimentos ficam mais em conta do que em Cuiabá.

oOo

40. TELEGRAMA

Aos 21 de setembro seguimos rumo Registro do Araguaia ponto final da viagem de tantos dias.

Sem podermos celebrar no descampado, com o necessário apenas para rezarmos a Missa nos povoados, ao cair da tarde, avistamos a risonha povoação de Registro, acolhidos na casa do Sr. Calixto.

As 40 casas, distribuídas em 4 ruas, tem no centro a capelinha, dedicada a Nossa Senhora da Piedade.

Vive o povo esquecido da religião, por não haver pessoa alguma, para instruí-los nos preceitos do Senhor.

Entretanto há profunda devoção: nos dois dias (que se passaram aí), dezenas de pessoas assistiram Missa e ao anoitecer mais de duzentos ouviram a palavra de Deus sobre a vida cristã e os mandamentos da lei de Deus e da Igreja.

Ao Rosário seguiram as Ladainhas Lauretanais, com outras orações.

Numa pequena "Missão", o dia seguinte, a Capela se encheu de toda povoação, muito se alegrando, com a notícia de nos fixarmos em Barreiro de Cima.

oOo

Daquela estação passei um telegrama a D. Albera em S. Paulo, que respondeu do Rio de Janeiro.

Recebi outros telegramas de felicitações, entre os quais o do grande admirador dos que trabalham pela civilização dos índios, chefe da construção da linha telegráfica Cuiabá-Corumbá, Dr. Candido Mariano Rondos, — que, na íntegra, transcrevo: "Faço voto para que o vosso louvável esforço seja coroado de feliz êxito a bem da civilização; que a posteridade vos cubra, agradecida, com suas bênçãos, pelos serviços prestados à família, à Pátria e à humanidade, no desempenho da missão a que dedicais vossas vidas . . ."

41. GOIÁS

Repousamos à vista do grande Estado de Goiás, o 4º do Brasil, com 747.371 Km², um dos 4 centrais, apertado entre os Estados do Pará-Piauí-Maranhão-Bahia-Minas Gerais e Mato Grosso, separado pelo Araguaia, imensurável afluente do Tocantins.

Após dados interessantíssimos históricos — geográficos, referentes aos perto de 3 mil Km. do Rio Araguaia, Pe. Malan continua: "Fixei o regresso para o dia 26, mas um forte temporal do Oeste nos fez descer do cavalo, no momento da saída.

oOo

Reentramos em casa, e, com grande maravilha, chegou um missionário francês, Pe. Carlos Bouret, com algumas pessoas.

Com sete anos pelos Matos de Rio Claro, Goiás, havia dois anos que não se confessava, por não ter encontrado um Padre e lhe confiar o que padecia na paróquia, covil de ladrões, e assassino de Goiás e alhures.

Foi doída a separação, também dos moradores da margem direita (fomos os primeiros missionários salesianos a pisar em terras goianas), — que parecia não se conformarem com o nosso regresso.

Celebramos uma Missa somente — falta de vinho — dei a Bênção a todos e o adeus à povoação de "Registro", constatando em tudo a Providência, com sua imensa misericórdia, para com as almas simples.

42. MASSACRES

Estava assim completa a minha missão: exploramos os terrenos escolhendo o local para a fundação da Colônia Sagrado Coração de Jesus; fizemos bem às famílias de civilizados, entregues unicamente a cuidados materiais.

Quanto aos índios se teve notícias de horrorosas tragédias, nas quais boas famílias de civilizados e Bororos, ladrões e assassinos, trucidaram-se uns aos outros.

Por onde passamos, desde Capim Branco, são frequentes as Cruzes ou pedras, indicando sepulturas de assassinos; de Barreiro de Baixo a Registro, no espaço de vinte horas, o Sr. Pedro Fernandes indi-

cou os lugares de uma dúzia de assaltos a militares, guardas e passageiros.

É voz geral que isso seja a vingança, pelo que em 1890, um fazendeiro de Goiás envenenara as águas que, traiçoeiramente, vitimaram duzentos índios.

Não é para estranhar que, seguidamente, tenha havido massacres horrorosos, como o da família do Sr. Clarismundo que, por sua vez, tudo revidou, destruindo 18 ranchos, vitimando uma centena ou mais de seus moradores silvícolas.

Essas as minhas notícias (uns tópico talvez muitos esqueléticos) de minha viagem de Cuiabá ao Araguaia". — Cuiabá, 28.X.1901, Pe. Antônio Malan — Inspetor.

43. BARRACÕES

O que Pe. Malan relatara ao I^o Sucessor de D. Bosco — agora Beato Miguel Rua — não é mais do que um sucinto apagado esboço de sua principal atividade, por mais de 20 anos.

oOo

Antes que finde o ano de 1901, Pe. Malan organiza definitiva e solidamente o trabalho, para a civilização cristã dos Bororos Orientais.

A meta do local e Barreiro que se achava (considerando os meios, etc. de então), a 500 Km de Cuiabá.

Foram necessárias umas três semanas, para vencer toda aquela distância.

Quando chegaram, às 4 hs. da tarde, do dia 18 de janeiro de 1902, beijaram a terra, caindo de joelho.

Na manhã seguinte foi celebrada a Missa, perante uma imagem do Sagrado Coração de Jesus, ao qual seria dedicada a Colônia.

Apesar do tempo chuvoso, o trabalho é intenso: a mata fornece troncos, esteios, tábuas, folhagem a valer.

Surgem rápidos os dois BARRACÕES, que devem abrigar as 17 pessoas da heróica histórica expedição, com a frente do Pe. João Balzola.

Rocha, horta, caça, etc. fazem também parte das rudes, mas indis-

pensáveis atividades, naqueles desertos e longínquos rincões. Assim mesmo os alimentos escasseiam e torna-se necessário diminuir a porção das refeições; os mais fracos não resistem e adoecem. Passam os meses e chega o tempo favorável da seca. Com prudência e os devidos cuidados, é organizada uma excursão com feliz resultado. Os Bororos e muitos estão acampados nas matas vizinhas, centro de caçadas e de suas festas, com manjares, danças, etc.

oOo

44. BOROROS

Não é preciso ir até lá, pois na manhã do dia 8 de agosto — é Pe. Bazola que refere — “Vejo cinco selvagens robustíssimos que se avizinham vociferando: “Bororo boas! Broro Boas!” (somos Bororos bons.)

Pe. Balzola saúda-os, em língua borora; abraça-os, entre a comoção geral dos companheiros.

Está lançada a semente e os frutos? . . .

Aí, em Meruri, quando da Missa de Diamante (1912-21/IX-1972) do cientista e apóstolo dos Bororos, — de seus cânticos se traduz: “Nossa alegria esteja sobre a beleza de Bocororó — Nossos parabéns pela manifestação de sua fama — venham os colares e as resinas perfumadas — Venham todos para a beleza de BOCORORÓ: PADRE CÉSAR ALBISETTI, e nele, os demais heróicos MISSIONÁRIOS DE D. BOSCO.

oOo

45. “IMACULADA”

A natural satisfação havia de repercutir no inteiro mundo de D. Bosco e mais.

Mas o inimigo do bem, logo nas Festas do Divino de Cuiabá, do ano seguinte, 1903, tentou obnubilá-la, pois, com o tempo — 1913 — os acontecimentos tiveram a qualificação de “histerismos”; seu maior protagonista, Pe. Helvécio G. de Oliveira, eleito Delegado Inspetorial para o Capítulo da Congregação Salesiana de 1904, —

tornou-se o Arcebispo Primaz das Minas Gerais, com sede em Mariana, de 1922 a 1960.

oOo

Voltando do Capítulo, Pe. Malan — 8.VI.1905 — decidira a fundação de uma 2ª Colônia, nas proximidades do Rio das Garças, a da “Imaculada”, a compreender uma considerável área, entre a margem direita do Rio das Garças e a esquerda do Rio Aracy.

Em setembro os Índios já eram uma centena e ainda no 1º ano chegaram as Irmãs — FMA, para as Índias e o ano depois Pe. Malan batizara os primeiros Bororos.

Refere-se que foi a “Colônia” melhor organizada, embora que, em seguida, os rios das Mortes e Barigajao e o clima desfavorável, em 1918, impedissem sua continuação.

oOo

46. “SANGRADOURO”

Já na Festa da “AUXILIADORA de 1906, 24 de maio, é fundada a nova Colônia S. José, em “Sangradouro”, numa fazenda que Pe. Malan comprara do Sr. Manoel dos Santos.

Aquela fundação tinha a vantagem de oferecer um ponto de apoio, a facilitar as comunicações entre Cuiabá e Meruri, além de contornar, outrossim, as emigrações de alguns Índios que, afastando-se, por meses seguidos, voltavam piores do que antes.

Pe. Balzola era o Diretor, e os Bororos de “Pegubo” não tardaram a chegar, embora, raramente, fosse muito grande o número deles.

Surgiram pequenas moradias, cobertas de telhas, fabricadas na Missão.

São construídas as casas dos Missionários e suas dependências; a cento e poucos metros acha-se o telégrafo — com mais tarde o Observatório Meteorológico — moradas para os empregados e a notável Igreja, sem que falte o “Oratório”.

Com o tempo essas Índigenas Colônias se tornam comparáveis às antigas Abadias, a beneficiarem enormes extensões.

oOo

47. PALMEIRA

Ainda no ano de 1907, com a finalidade da formação do pessoal para as Índigenas Colônias, Pe. Malan, a uns cem Km. de Cuiabá, funda a Casa "sui generis" de Palmeira.

Ao lado dos Clérigos (noviços — estudantes de filosofia e teologia), e Coadjuutores, — morejam uns oitenta índios, ocupados na agricultura.

Estes Bororos eram diferentes dos demais, porque recolhidos do meio civilizado, onde apreenderam pouco de bem e muito de mal, especialmente o vício do álcool.

Pe. Malan lhes recomendara obedecer aos Missionários; chegaram a se construir as próprias casas.

No começo prestavam atenção às suas instruções diárias; auxiliavam também e com gosto, em fazer trabalhar as máquinas agrícolas, como em aprontar as diferentes moradias.

Um contratempo desagradável impedira conservar os índios; continuaram, porém, o Noviciado, aulas primárias para externos, enquanto alguns estudavam Teologia, entre os quais há de se destacar Mons. João Baptista Cutouron.

oOo

No dia 29 de agosto de 1920, com o "MARTÍRIO" de Pe. José Thanuber, Diretor, extinguiu-se aquela 4ª Colônia, não porém os seus frutos, "pois O Sangue dos mártires é sementeira de novos cristãos" — Tertuliano.

oOo

48. BISPO

Pe. Antônio Malan, a 15 de agosto de 1914, em S. Paulo, é sagrado Bispo, pelo Exmo. Sr. Nuncio Apostólico no Brasil; era a Festa de Nossa Senhora da Assunção.

oOo

O agora D. Malan, regressando, decide fundar o Instituto de Nossa

Senhora da Piedade, em sua Prelatícia Sé de Registro do Araguaia, hoje Araguaiana.

Diretor é Pe. Miguel Curró que, como já fazia entre os índios, continua usar a colher de pedreiro.

Levanta e dirige o Instituto Salesiano, que vem instruindo e ainda não menos educando no Temor de Deus, os filhos de civilizados, que se arraigaram ou a se fixarem por aquelas imensidões do sertão bruto.

oOo

49. ALTO ARAGUAIA

No ano de 1921, a vinda de novos Missionários, possibilita uma outra fundação em Alto Araguaia, então "Santa Rita".

Os contratempos iniciais servem, providencialmente, a evidenciar a lealdade do Prelado, como não menos a do Maioral do futuro Município que, nos áureos festejos da Obra de D. Bosco (1921/1971), grande é sua ufanía: comparecem os VV. Governadores dos Estados de Mato Grosso e Goiás, ambos ex-alunos SALESIANOS; acha-se presente, outrossim, um Ministro Federal do Tribunal de Contas, que estudara com o SC. M. Ângelo Sordi-SDB, dos anos vinte, em "Santa Rita".

oOo

50. PROMOÇÕES

D. Malan, a 1^o de janeiro de 1915, é um dos consagrantes do seu ex-aluno, agora Dom Francisco de Aquino Corrêa, Bispo Auxiliar de Cuiabá, que há de se tornar o Presidente do Estado de Mato Grosso no quadriênio 1918-1922, aguardando-o, durante uns sete lustros o governo da Arquidiocese de Cuiabá.

oOo

Ainda que na véspera dos anos vinte, D. Malan tenha sido aliviado, durante algum tempo, no posto de Inspetor, pelo seu grande admirador, Pe. Pedro Massa, — somente em 1924 é que Pe. Hermenegil-

do Carrá, lhe sucede à frente da vasta e complexa Inspetoria “S. Afonso de Ligório” Missionária de Mato Grosso, com sede na capital, Cuiabá.

oOo

Mas já na Festa do Apóstolo Santo André, a cidade de Petrolina, no Estado de Pernambuco, 30.XI.1923, se alegrava, com a nomeação de seu 1º Bispo, DOM ANTÔNIO MALAN – SDB.

oOo

“O próprio Senhor Jesus . . . de tal maneira dispôs o ministério apostólico . . . de levar a cabo e sempre a obra da salvação”.

— Vat.II,AG.4

“... muito prudente . . . Mas, quando o julga necessário, vai adiante com o auxílio de Senhor . . .

Com os irmãos é pai ótimo.

Contudo sabe exercer a autoridade: reflete, toma conselho e faz o que lhe parece melhor para a glória de Deus e o bem da Congregação.

Tem vistas grandes e justas e grande espírito de sacrifício.

Sua Inspetoria progride material e moralmente.

Atencioso com os Cooperadores, recebe-os em casa e os acompanha pessoalmente na visita, dando explicações sobre as nossas obras.

Os Governos Estadual e Federal o ajudam.

Ocupa-se muito das Irmãs, mas na justa medida.

Sua piedade e zelo deram boas vocações para nós e as Irmãs . . .”

*(Assim Padre Gusmano Calógero,
Secretário do Capítulo Superior,
durante décadas seguidas)*

"Malan era homem de Deus, vivendo sempre em toda a sua beleza o ideal de sacerdote, religioso e missionário, com fervor admirável e grande espírito de FÉ, piedade profunda, vontade inquebrantável e intrépida coragem".

— Mons. J. B. Couturon

"... o espírito dos salesianos é muito bom, graças às virtudes e prudência do Padre Malan, que merece todo elogio.

Seria preciso ver como é estimado por todos. Realmente é dono do campo, graças à sua boa educação, à paciência com todos...

Fala bem de todos e faz verdadeiros milagres de zelo...

Abriu o noviciado, que já tem quatro clérigos.

A Associação dos Cooperadores recebeu dele um maravilhoso desenvolvimento. Fundou a Companhia de S. Luís entre os alunos externos, muito dos quais de 15-20 anos"

— assim escreveu D. Albera, a 13.7.1901

III PARTE

SECAS: Pernambuco . . . CARIDADE

- | | |
|----------------|-----------------|
| 51. Apostolado | 60. Guia |
| 52. D. Carlos | 61. Augúrios |
| 53. Norte | 62. Diocese |
| 54. Prelado | 63. Gráfica |
| 55. Mocidade | 64. "Conquista" |
| 56. Colônias | 65. Europa |
| 57. Atividade | 66. Gratidão |
| 58. Patrícios | 67. Corcovado |
| 59. Triunfo | 68. Catedral |
| 69. "RIQUEZAS" | |

oOo

"A CARIDADE é a virtude sobrenatural infusa em nossa alma, pela qual amamos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos por amor de Deus" — Vozes — "59



Colônia Imnacuclada (Rio das Garças) — Turma de índios encarregados das roças.

Como em ambas as anteriores, também nessa última "PARTE" ainda mais, revelem-se os limites da lógica dos subtítulos, embora a finalidade seja de tudo facilitar AMDG.

51. APOSTOLADO

Já quando da sagração episcopal, em data 19 de abril de 1914, o futuro D. Massa escrevia dele, então Pe. Malan: "... Sua competência como organizador e administrador é provada pelo crescimento da missão ...

— pela estima que goza da parte das autoridades estaduais e federais ...

— pelo número sempre maior de benfeitores ...

— pelo fato de ter sido duas vezes confirmado no seu cargo de Inspetor ..."

oOo

52. D. CARLOS

A essa altura parece de justiça ceder a pena ao Desdor Dr. José de

Mesquita: "Vai por 30 anos que, numa formosa manhã de junho (1894/1924), à luz suave do nosso sol, sob a doce verberação do nosso céu, galgava a íngreme ladeira do Porto Geral uma leva de Missionários, trazendo, sob o hábito negro, uma alma aberta a todas as belezas da iniciativa do Progresso e do BEM.

oOo

Eram os primeiros salesianos que aportavam a Mato Grosso, a convite do inesquecível Prelado Dom Carlos Luís d'Amour que, no seu largo descortino, divisara nos filhos de D. Bosco valiosos obreiros, dos quais muito poderia esperar em fecundos benefícios sua Diocese.

A frente desses denodados ministros de Cristo que, vencendo distâncias sem meça de sacrifícios, vinham contribuir para o nosso desenvolvimento moral e material, achava-se um jovem sacerdote, filho da bela Itália, alma ardente de apóstolo, coração inflamado de zelo pelo bem do próximo, possuindo a fibra dos grandes organizadores, essa mescla admirável de força e prudência, energia e serenidade, com que Deus parece ter assinalado os seus eleitos.

Esse missionário que, com o andar dos anos, viria constituir-se esteio fortíssimo da Missão, passando, sucessivamente, por todos os altos postos de comando, revelando sempre qualidades inextinguíveis de dedicação, competência, é o mesmo que hoje, após três decênios de incansáveis labores, a Santa Sé acaba de transferir da Prelazia de Araguaia, onde há quase uma década vinha trabalhando (1914/1924), para a Diocese que tem sede na cidade pernambucana de Petrolina.

Antes de lhe declinar o nome, ele já por certo, vos aflora aos lábios, pois tamanha é a auréola de suas benemerências, tão largo o círculo de sua simpatia entre nós, que em cada coração matogrossense conta D. Malan um amigo sincero e devotado.

53. NORTE

Justamente por isso, a notícia de sua próxima vinda a esta Capital, donde se ausentara há dois anos, alvoroçou de vivo regozijo os seus admiradores, senão quando, ao laconismo chocante do que

soem revestir-se os seus despachos, nos trouxe o telégrafo a comunicação da remoção para o longínquo Estado do Norte.

Transmudou-se dess'arte a alegria desta chegada na mágoa da próxima separação, quiçá definitiva: os francos e acolhedores sorrisos joviais de boas vindas se obumbraram, se amorteceram, sob o velório de mal dissimulada tristeza, ao antesaibo da saudade encontrada...

Foi nessa circunstância que me viestes, amigos meus, e me cometestes a tarefa delicada e sobremodo difícil, de traduzir, numa ligeira saudação, os nossos sentimentos para a pessoa do digno homenageado desta noite.

Negar-me eo tais conjunturas fora impossível e pois que o acender se impunha, força era que eu procurasse de qualquer forma, interpretar a vossa emoção, buscando não nas palhetas da imaginação, mas na tela viva da realidade o tema desta rápida oração.

oOo

54. PRELADO

Rememorar em larga síntese retrospectiva, a longa e fecunda carreira de D. Malan, primeiro na direção deste Colégio, depois como Inspetor da Missão Salesiana, no Estado e, por último, como Prelado de Registro do Araguaia, é abrir antes de vossas vistas uma página de nossa história nesses trinta anos decorridos.

oOo

Evocar a sua eficiente atuação, a sua extraordinária operosidade, quer como educador, quer como catequista, quer, enfim, como construtor desse admirável aparelhamento que é a Missão Salesiana de Mato Grosso, é desdobrar os olhos aos nossos olhos toda uma hora de cultura, de desenvolvimento social, cívico e moral, que constitui a justa ufanía de nossos contemporâneos e o apanajo de todos os que contribuíram para a realização desse desideratum.

55. MOCIDADE

Não há mister palavras onde, mais do que elas, eloquentes e verazes, os fatos se impõem à atenção até mesmo dos mais indiferentes.

Aqui está esta isca, por onde, em vários lustros, passou a flor da mocidade, por sob cujas arcadas, hoje venerandas, à sombra de cuja capelinha poética, estudaram e oraram os que hoje, nas diversas posições, honram a cultura intelectual de nossa terra . . .

— Alf estão próximos de nós o Asilo Santa Rita, educandário modelo de nossa juventude feminina . . .

— a Escola Agrícola de Coxipó, núcleo de trabalho produtivo e inteligente . . .

— a Santa Casa, que é hoje, sob o influxo das Irmãs Salesianas, um Hospital modelar.

oOo

56. COLÔNIAS

Acolá estão os Colégios de Corumbá, Instituto de ensino de que se orgulha a cidade sulista e, mais além, o Registro e Santa Rita, atestando, através de ótimos e brilhantes resultados a ação civilizadora dos salesianos, que mais ainda se faz sentir nas prósperas Colônias do sertão do Leste: colméias de trabalho, onde desabrocham ao sol benéfico da Civilização, as almas rudes de nossos índios selvagens, redimidas pela Fé e pelo civismo e integradas ao Brasil, sob a dupla egide de nossa Cruz e de nossa Bandeira . . .

oOo

57. ATIVIDADE

Se isso tudo é, pouco, nada valerá.

Mas ao contrário, cada parcela dessas é muito, e dada a escassez de recursos, com que se luta, num meio como o nosso, em que tudo são dificuldades e tropeços, uma só dessas obras bastaria, indiscutivelmente, a sagrar para todo e sempre o seu autor à gratidão imorredoura da posteridade.

oOo

Ei-lo, então, que, após uma vida consagrada, na sua maior parte, à nossa terra, vai deixar-nos, no desempenho de seu munus pastoral,

levando a outras paragens os benefícios de sua incançável atividade.

oOo

58. PATRÍCIOS

Não vai tão longe a nossa afeição a ponto de confundir-se com o vulgar egoísmo de lamentarmos essa partida, pelo que ela nos priva de benefícios, doando-os a outros patrícios nossos, dignos de usufruir.

“O coração tem razões que a razão desconhece . . .” e não podemos deixar de mostrar o pesar que nos invade ante a idéia de perdemos o convívio de tão belo espírito e tão nobre coração.

É da vida, porém, que tudo assim se opere e é das tradições naturais dos sentimentos humanos, nessa mescla equilibrada de alegria e tristeza, que se entristece a teia da existência humana.

oOo

59. TRIUNFO

Em meio a ruidosa alegria desta festa, entre as luzes e flores, as músicas e os sorrisos que exornam este salão, certo, como uma sombra melancólica, perpassa a idéia da próxima despedida, dos adeus que, em breve se trocarão nessa mesma praia ridente que, há trinta anos, recebia os recém-vindos entre as aclamações de triunfo.

oOo

Doce, meiga, inexplicável sensação, a mais terna e a mais amável, de todas as teclas que o coração humano sabe fazer ressoar, ó tu, saudade, musa inspiradora de todos os poetas e sonhadores, nesta hora, as tintas mágicas, com que se inscreve na morte-côr de rosa do crepúsculo, as tuas telas misteriosas . . .

oOo

60. GUIA

Menos que uma saudação vibrante, as minhas palavras dizem neste momento a mágua dos que se vêm partir o amigo de tantos anos . . .

- O Mestre dedicado . . .
- O Conselheiro prudente . . .
- O Guia esclarecido . . .

oOo

61. AUGÚRIOS

Só nos resta augurar-lhe no novo campo que se abre à sua dedicação pastoral, novas vitórias que até hoje têm coroado os seus apostólicos labores.

E embora longe de nós, terá como aqui perto, os mesmos corações amigos, dessa amizade franca e leal, de que se honra a nossa gente, ligada sempre a D. Malan, pelos laços indiscutíveis da gratidão, que não morre e de uma afeição sincera, que não conhece tempo e nem distância.

oOo

62. DIOCESE

Essa peça de oratória descomunal só pode ajudar a intuir os titânicos empreendimentos do 1º Bispo de Petrolina, centro de uma região das "SECAS" que, por vezes, anos seguidos, assolam o extremo Sul Oeste do "Leão do Norte", Pernambuco.

As fadigas naquela incipiente Diocese, durante seis ou mais anos da gestão de D. Antônio Malan, talvez mereçam até mais do que já se tentou compilar até aqui.

Embora de proporções assaz diminutas (uns 30 mil Km².), seus moradores eram duas vezes mais os do infindo Mato Grosso.

oOo

63. GRÁFICA

Tudo era para se fazer, reclamando até mais de uma ida a Europa, mormente na França, para angariar, com a proteção de S. José —

D. Malan era um grande devoto do Santo da Providência — os meios necessários.

Eram muito avultadas as indispensáveis construções na Sé daquela não menos complexa Circunscrição Eclesiástica.

oOo

O Ano Santo de 1925 leva-o atravessar o Atlântico assim que e o ano depois, 1926, publica suas impressões, pela Oficina Gráfica da Bahia, com mais de 80 páginas, seguindo-se, logo mais, a Carta Pastoral.

oOo

64. "CONQUISTA"

O Sucessor de D. Malan dos anos sessenta — portanto sete lustros após o passamento, dele escreve: "Superior inteligente, administrador consciencioso, sacerdote devotado completamente ao bem das almas, viu surgir em redor de si importantes fundações (a alcatifarem sumamente benéficas as imensidões do Oeste brasileiro), — que levaram, em 1929, Pio XI afirmar: "Mato Grosso é uma conquista salesiana."

E se é verdade que em redor desse astro de primeira grandeza gravitava uma verdadeira constelação de sacerdotes digníssimos e missionários zelosos, como Pe. Balzola, D. Helvécio, D. Emanuel, D. Aquino, Pe. Colbacchini, Pe. César, Mons. Cutouron e tantos outros, — em nada desmerece a ação do chefe espiritual, pois é mérito dos grandes homens chamar em redor de si um grupo de discípulos desenvolvendo-lhes os talentos.

oOo

65. EUROPA

Tem-se feito ressaltar muito a ação civilizadora de D. Malan entre os Bororos e pode-se afirmar que altamente foi meritória e isso com conhecimento de causa.

D. Malan percorreu muitas vezes a Europa e de maneira toda par-

ricular a França, em procura de recursos para a sua missão: recursos que os Cooperadores nunca lhe negaram e permitiram a fundação e organização das missões católicas, onde o índio, além dos trabalhos manuais, podia contar com o ensino industrial.

Prelado — Bispo em 1914, dez anos depois, em 1924, a Santa Sé nomeava-o Bispo de Petrolina, sobre o Rio S. Francisco, no Estado de Pernambuco.

Era uma Diocese nova, no sertão das "SECAS" e com mil necessidades.

Mas seis anos foram suficientes a D. Malan para criar "ex-novo" a estrutura fundamental da Diocese e organizá-la de uma maneira, realmente, modelar: Seminário Diocesano, Palácio Episcopal, Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e a fulgida Catedral de pedra branca em puro estilo gótico . . ."

oOo

66. GRATIDÃO

Só um bispo salesiano missionário podia conceber e realizar obras tão grandiosas e artísticas lá onde a natureza desanima os mais ardorosos.

Pareceria incrível a quem não conhece a fé fenomenal desse apóstolo, a arte única de conseguir auxílios e auxiliares, a sua simpatia avassaladora, e a sua autoridade moral que lhe permitiam toda sorte de facilidades dos Governos da República.

oOo

Morre D. Malan sobre a brecha em pleno triunfo, depois de ter plantado os marcos da civilização no planalto oriental de Mato Grosso, onde um tempo havia barbárie, tendo organizado, em plena virilidade, a nova Diocese, cujos fiéis lembra-lo-ão com eterna gratidão.

A 29 de outubro de 1931, o saudoso D. Rinaldi, recebia um cabograma do Rio de Janeiro, anunciando a morte de D. Malan, Bispo de Petrolina.

oOo

67. CORCOVADO

D. Malan não era jovem, contava 69 anos de idade.

Mas sua fibra robustíssima, a energia de seu espírito, as obras grandiosas que tinha entre as mãos, prometiam-lhe ainda um longo apostolado.

No ano anterior tinha visitado O Oratório de Turim e pletórico (exuberante) de vida como nunca . . .

O apóstolo simples, enérgico, ardente e bondoso estava no fim da vida.

Depois das solenidades da inauguração da estátua de Cristo Redentor no Corcovado, seguia para São Paulo.

O tempo úmido provocara-lhe uma pneumonia, agravada em seguida de hefritis.

Transportado para o Hospital (S. José de Caridade) do Braz, no dia 24 de outubro parecia melhorar.

Mas um ataque de uremia (que, às palavras da Irmã — enfermeira: "Excelência se prepare . . .". D. Malan respondia: "Tenho ainda muito que fazer . . .") na noite de 28 arrebatara-o para sempre ao nosso convívio.

oOo

Os Salesianos receberam inúmeros telegramas de pêsames pelo falecimento de D. Malan, Bispo Diocesano de Petrolina.

Tinha recebido com edificação os últimos sacramentos e conservou até a morte plena lucidez de espírito. Um ano antes, visitando, naquele hospital, um irmão doente, tinha dito: Aqui virei para morrer.

Mas quem teria dito que tão cedo fosse profeta?

68. CATEDRAL

As exequias solenes de corpo presente se realizaram em S. Paulo, oficiando o Arcebispo D. Duarte, estando presentes o Arcebispo de Florianópolis e o Bispo de Barra (Bahia), bem como todo cabido Metropolitano, clero secular e regular, representantes das altas autoridades estaduais, grande número de senhoras e cavaleiros, e povo em geral.

Na capela do Hospital de Caridade do Braz, rezou a Missa de corpo

presente o Exmo. D. Alberto Sobral que acompanhou o corpo até o Santuário Coração de Jesus.

Terminadas as exequias, o corpo seguiu para o Cemitério do Aracá, oficiando D. Alberto, amigo particular do grande apóstolo do sertão.

Pouco depois os despôjos mortais de D. Malan seguiram para Petrolina, onde descansam numa capela da abside da magnífica Catedral, que emerge da monotonia do sertão pedroso, como flor que desabrocha do deserto.

Quem viaja na estrada de ferro do Leste da Bahia, para Juazeiro, antes de chegar a esta cidade vê despontar bem longe as duas torres altaneiras, anunciando a cada minuto a branca mole sempre mais imponente da sumptuosa Catedral de Petrolina, uma das melhores do Norte do BRASIL.

oOo

“Enviada por Cristo a manifestar e a comunicar a todos os homens e povos a caridade de Deus, a Igreja reconhece que tem que levar a cabo uma ingente obra missionária”. —

oOo

69. “RIQUEZAS”

O programa do atual Metropolita de Campo Grande-MS é de “EVANGELIZAR AS RIQUEZAS DE CRISTO”.

Assim qual mensagem prática, com base em longa e muitas experiências, seguem umas sugestões, que só podem favorecer a verdade para a inteligência, a Moral que acresce no coração a CARIDADE e conserva a Liberdade da ação, a facilitar a REALIZAÇÃO DO HOMEM, bem como sua Felicidade terrena (PAZ) e ETERNA.

I. PARA O CORPO

A) REPOUSO NÃ MENOS DE OITO HS? POR DIA e, no possível das 21 às 5 hs., sem prejuízo de conveniência, etc.

B) Alimentação frugal e sadia, possivelmente em horários determinados e não mais de 4 vezes ao dia, respeitando ambientes, etc.;

- C) Traje simples e sempre edificante;
- D) Asseio cuidadoso, evitando os exagêros, dispensando os cosméticos, pois a GRAÇA exorna mais do que tudo.

II. ALIMENTO DO ESPÍRITO

- a) Todos os dias: orações da manhã, meditação, Missa e Comunhão, Visita ao SS. Sacramento, Leitura Espiritual, Jaculatórias, Santo Terço, Orações da noite, Arrependimento, sem que falte alguma Comunhão Espiritual também, etc.;
- b) Todas as semanas: encontros e funções paroquiais, jejum na 6ª-feira e abstinência no sábado, ou outras renúncias e ações humildes;
- c) Todos os meses: confissão frequente, recolhimento de um dia, com Exercício da "Boa morte.

III. AMBIÇÕES REAIS:

- Desapego dos bens, embora economia e cuidado de tudo;
- Renúncia da própria vontade, pela submissão respeitosa a quem de dever;
- VIDA DO ESPÍRITO, mortificando os sentidos, também internos da fantasia e do coração.

oOo

"Sede perfeitos como o Pai que está o Céu" — Cristo.

Assim que se extrai algo do CELIBATO SACERDOTAL de Paulo VI:

I. "A Igreja não pode ignorar que à escolha do Celibato — feita com humana, cristã prudência e responsabilidade — precede a GRAÇA, que não destrói e não violenta a natureza, mas lhe doa capacidade e vigor sobrenaturais.

II. A presença junto das famílias do Padre, que vive integralmente o próprio celibato, eleva a dimensão de todo amor, digno deste nome.

III. Separado do mundo, o Padre não se separa do povo de Deus, porque é tal a bem dos homens, consagrado inteiramente à caridade, à obra pela qual Deus o escolheu.

IV. A virtude do sacerdote é um bem de toda a Igreja, é uma não humana riqueza e glória que redunde em benefício e (não menor edificação) de todo o povo de Deus.

“Como a GRAÇA não destrói a natureza, mas a aperfeiçoa, assim todas as conquistas da natureza só devem favorecê-LA, para que o homem viva e “viva o mais abundantemente possível a vida” que Cristo proporciona a todos os homens, que cultivam o respeito ao PLANO DIVINO”.

oOo

“Então foi que num dia imorredouro,
Eu abri do Evangelho as páginas de ouro,
E quanta luz, quanto amor, meu Deus!

— D. Aquino

FIM

APÊNDICE

I. LUZ MISTERIOSA

II. CLARÃO ENORME

o0o

“Glória a Deus . . . isto é DEVER . . .
Paz aos homens . . . isto é que CUMPREM o dever”
L. 2,14

o0o

“Ó eternidade, tarde
demais te conheci”
— D. Bosco

ORAÇÃO

“Ó São João Bosco, que amaste com amor
de predileção a bela virtude da pureza,
inculcando-a com o vosso exemplo, palavras,
escritos, fazei que nós também, levados por
virtude tão indispensável, a pratiquemos
constantemente, com todas as nossas forças.
Assim seja.

I. LUZ MISTERIOSA

Tulon, França, Castelo de Combaud, Natal de 1882.

A Condessa está comovida: Antônio, jovem de raras qualidades, que completara 21 anos de idade, no dia 10 de dezembro, manifesta-lhe o segredo que o acompanha, desde quando tinha sete anos.

A resposta é digna da nobre matrona: "Quando é assim, saiba que D. Bosco nunca erra nestas coisas; tem Deus que o inspira; pode ir se fazer salesiano; sinto-me satisfeita; não me oponho".

Agora não há mais dúvida.

O sol está para sumir, entre os ramos, todos sem folhas, das árvores do Castelo.

O jovem chega até o nicho de Nossa Senhora e reza . . .

Uma luz misteriosa, em forma de pequena chama, despreende-se da imagem da Virgem Maria e para sobre a sua cabeça . . .

Aos sentimentos gratíssimos de Antônio Malan segue uma estranha e profunda emoção . . .

.....

II. CLARÃO ENORME

Era o dia 29 de outubro de 1882.

D. Bosco acabava de rezar Missa ao altar de São Pedro.

Descendo os degraus o Santo viu uma luz misteriosa em forma de pequena chama e parar sobre a cabeça de um moço desconhecido: o futuro D. Malan.

Exatamente 49 anos depois, na clínica do grande benfeitor das Missões Salesianas, Prof. Dr. Carlos Brunetti, D. Antônio Malan deixara a terra em demanda do "Paraíso" verdadeiro, pois no Colégio Salesiano (19/III/1883), onde se achava, dissera estar no paraíso.

Era a Festa dos Apóstolos S. Simom e S. Judas Tadeu, 28 de outubro de 1931.

oOo

A luz misteriosa de meio século antes . . . tinha sido o símbolo de um grande clarão.

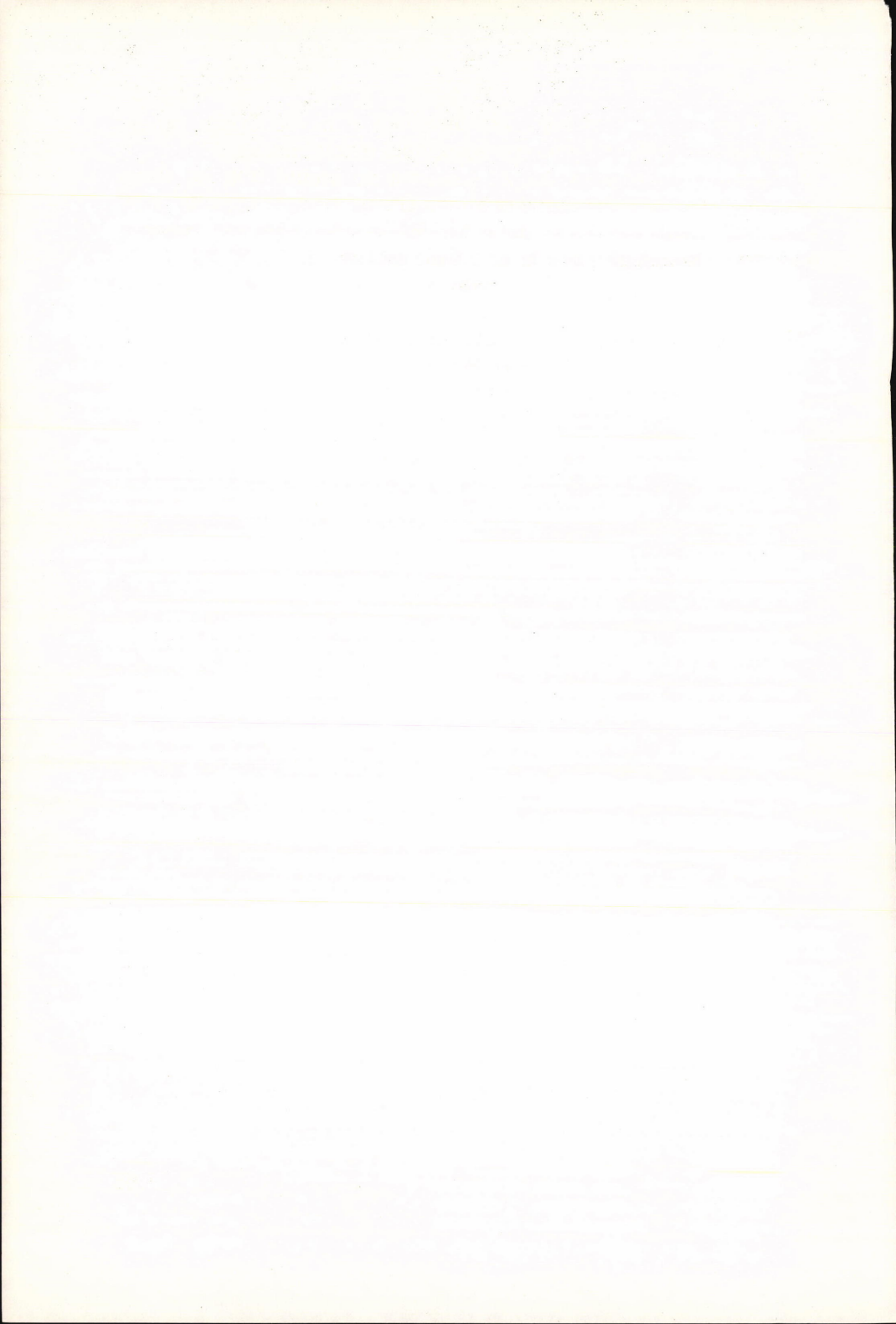
Clarão enorme e benfazejo, que irradiara a luz de Cristo, no espírito salesiano de trabalho e oração, pelo Brasil imenso.

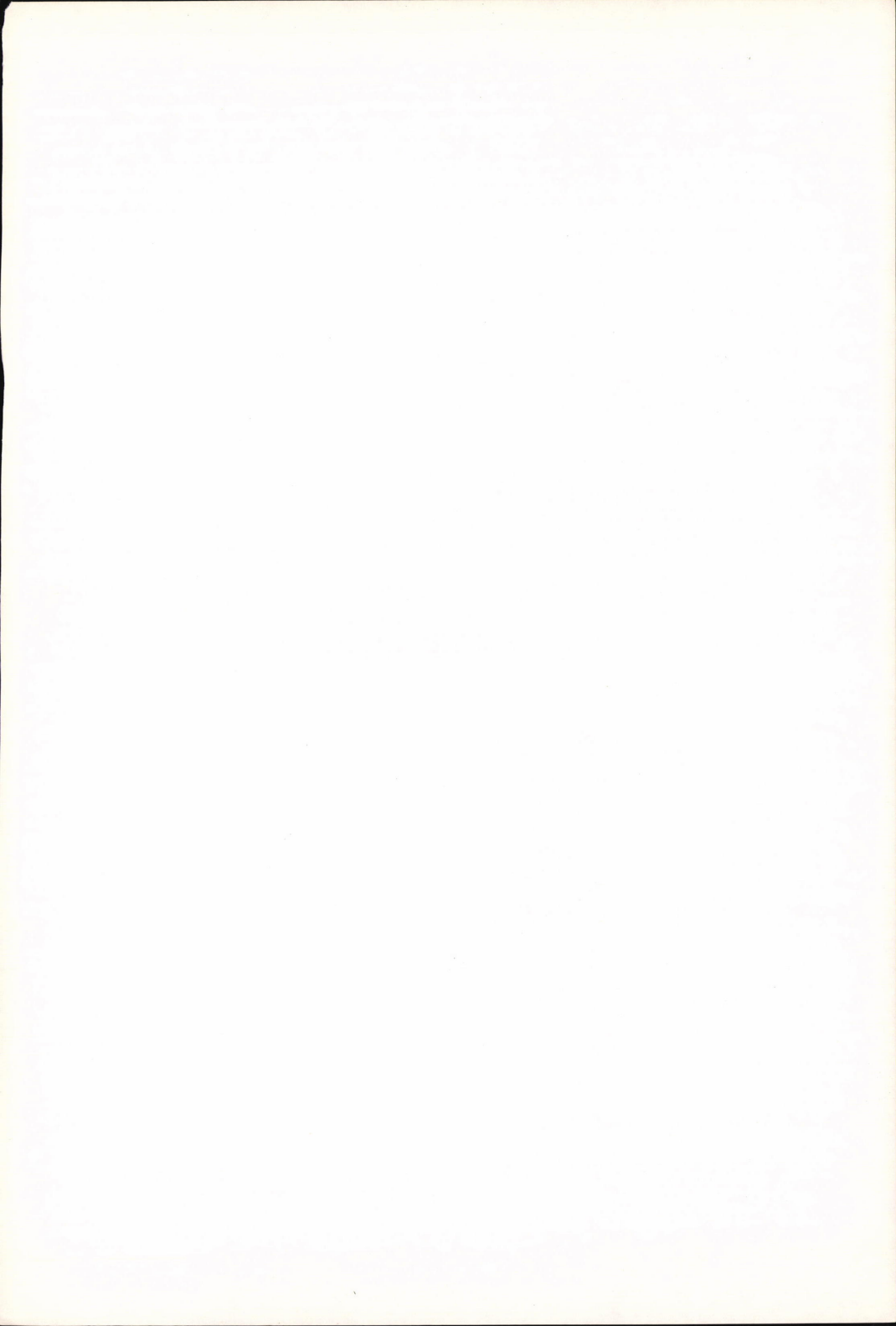
Os mesmos Arcebispos do 2º quartel do século XX, de Mato Grosso — Goiás e Primaz das Minas Gerais tinham passado anos seguidos, como auxiliares do então Pe. Antônio Malan: “Mestre dedicado, Conselheiro prudente e Guia esclarecido”.

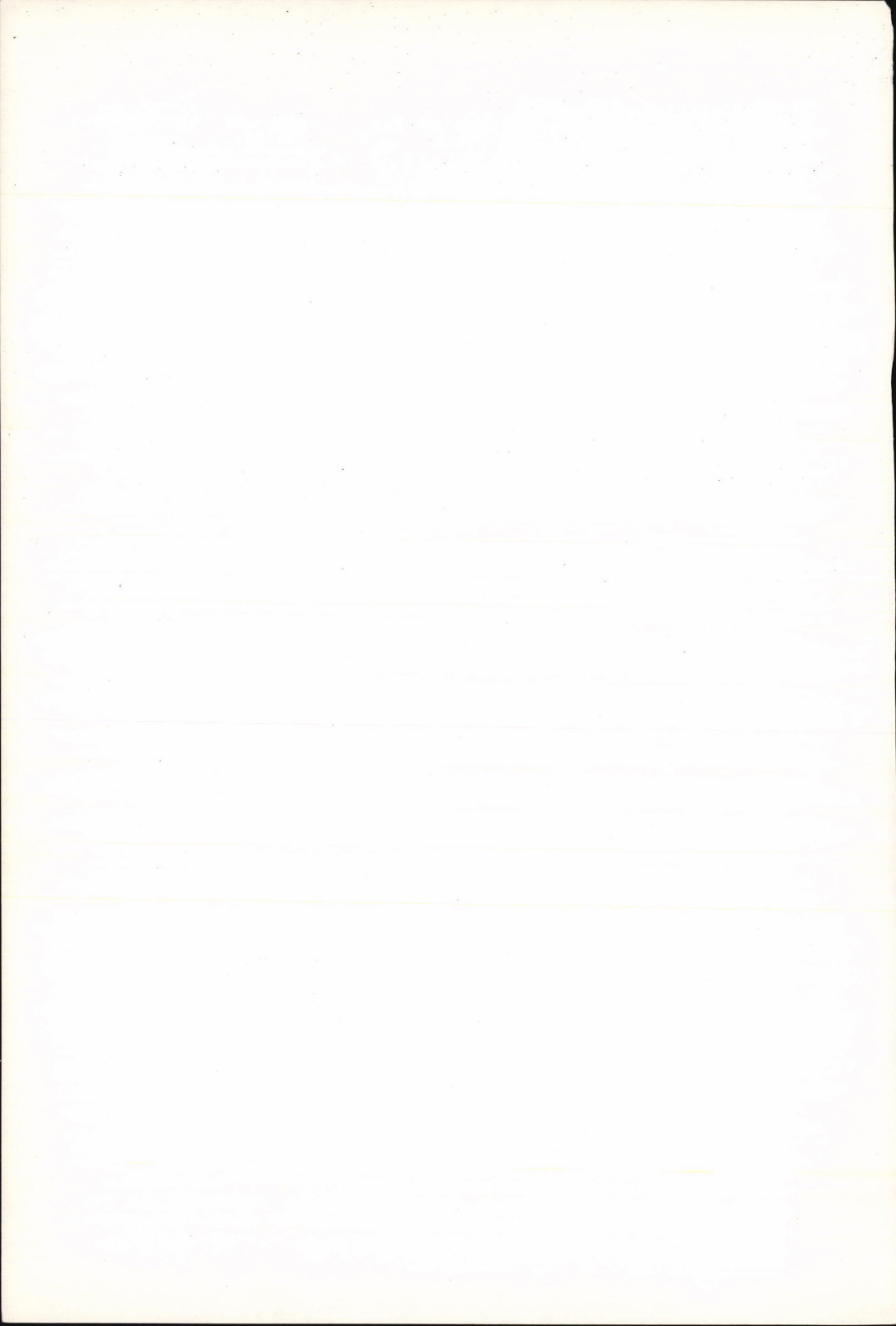
oOo

“No fim da vida se recolhe o fruto das boas obras”

— D. Bosco







ARQUIDIOCESE DE JUIZ DE FORA-MG
Avenida Rio Branco, 2872 – Tel.: (032) 212-195-13

Caro Pe. Osvaldo

Agradeço de coração o livro

A SANTA DOS DOENTES que me mandou

.....

Lí com muita atenção tão bonitos exemplos:
é uma grande forma de evangelização”(1)

.....

Dom Juvenal Roriz
Arcebispo Metropolitano

(1) As publicações de ASAS BRASIL só tem essa finalidade: fatos e palavras de EVANGÉLICA VIVÊNCIA.

c.d.l.

“D. Malan estendeu o seu apostolado a todos: mas aos pobres, doentes e, em particular, os índios eram objeto privilegiado de seus cuidados” – DBMG

oOo

“O verdadeiro discípulo de Cristo se distingue tanto pelo amor a Deus, como pelo amor ao próximo”. – LG. 110,42



Rio das Mortes — A guarda de honra do Capitão Lobo,
no Aconcangua, o mais distante aldeamento da tribo — 1907